

1942

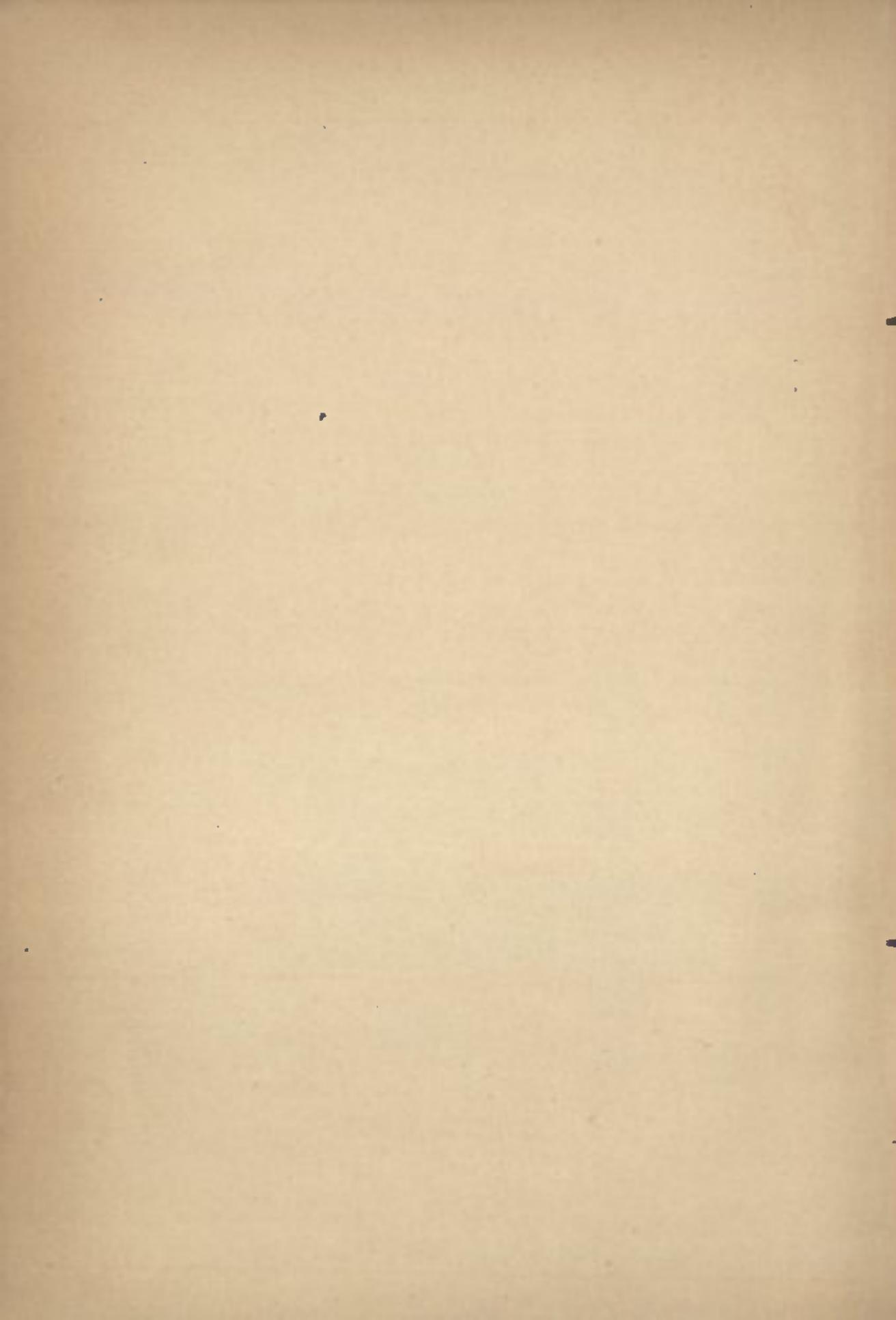
JOSÉ MARIA GONÇALVES

O ENSINO PROFISSIONAL

DO TRABALHO MANUAL
AO TRABALHO SCIENTÍFICO



LISBOA — IMPRENSA NACIONAL — 1927



DEP. LEG.

JM
10.24.27-21

JOSÉ MARIA GONÇALVES

O ENSINO PROFISSIONAL



95820

DO TRABALHO MANUAL
AO TRABALHO SCIENTÍFICO

CONFERÊNCIA LIDA
NA BIBLIOTECA DA IMPRENSA NACIONAL,
EM FEVEREIRO DE 1927



LISBOA — IMPRENSA NACIONAL — 1927

PROFESSIONAL
O. ENSINO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA



São diversos os factores que concorrem para a formação do artista profissional moderno, devendo salientar-se de preferênciã o ensino teórico, que ilustra o operário e lhe prepara o espirito para uma mais rápida assimilação do ensino profissional. O ensino teórico deve basear-se, entretanto, além dos cursos gerais, em programas de estudos especializados, adaptáveis a cada uma das indústrias a que se destinem os alunos. Êsses programas devem ser modificados e melhorados sucessivamente conforme a evolução que se opera nos processos de trabalho, resultantes de novas descobertas scientificas que simplificam a produção e exigem maiores conhecimentos aos operários.

Se são estas as bases principais do ensino profissional moderno, nos países que cuidam a sério do seu fomento agrícola, industrial e comercial, não devemos esquecer que os alunos formados, para se tornarem bons profissionais, devem prosseguir nos seus estudos, que, com êsse preparo, já se fazem com melhor método e uma orientação definida, num melhor aproveitamento de tempo e de conhecimentos.

Em Portugal estamos muito longe de atingir êste grau de perfeição, por pouco se ter cuidado do ensino profissional, e ainda porque se não formaram quadros de professores especializados, que orientem, guiem e illustrem os operários. Bem sabemos que Portugal não é um país industrial, mas as poucas indústrias que aqui se introduziram e desenvolveram formaram os seus profissionais em relação às necessidades da época, sem contudo se pensar a

fundo e a sério no desenvolvimento e modificação desse ensino, consoante as necessidades dos progressos operados nessas indústrias, o que ocasionou um estacionamento em relação aos progressos alcançados noutros países.

A indústria gráfica foi introduzida em Portugal em 1488, poucos anos após a descoberta da Imprensa. Nessa época de rudimentares processos de trabalho, a indústria gráfica portuguesa facilmente acompanhou os progressos alcançados, porque era lenta e morosa a sua evolução. Por alvará de 24 de Dezembro de 1768, a forte e fecunda iniciativa do Marquês de Pombal criou a Impressão Régia, hoje Imprensa Nacional de Lisboa, com o objecto do ensino e desenvolvimento da arte de imprimir no nosso País. Na sua evolução e engrandecimento, a Imprensa Nacional de Lisboa alcançou um brilhante lugar no mundo gráfico, já estabelecendo contacto com o espirito artístico estrangeiro, no envio de alguns artistas para se aperfeiçoarem na arte de Gutemberg, já concorrendo a exposições gráficas internacionais, onde expunha os seus preciosos trabalhos, que sem dúvida competiam com os de outros países, como o atestam as várias menções honrosas e os valiosos prémios que lhe foram conferidos.

Este espirito de seqüência não pôde ser mantido duma forma geral, porque os progressos da indústria nos grandes países dependiam da aplicação da sciência em novos processos mecânicos, que obrigavam a uma constante e continua substituição do seu material e dos seus mecanismos, por vezes incompatível com os nossos rudimentares processos de administração das indústrias do Estado, e também porque a sua expansão, num país pequeno e com uma grande percentagem de analfabetos, distanciava a indústria gráfica portuguesa da dos grandes países, onde a cultura era cada vez mais intensiva e mais vulgarizada. E os países onde pouco se cuide da cultura do povo estão condenados a um forçado estacionamento.

O desenvolvimento e o engrandecimento das indústrias modernamente dependem de vários factores, desconheci-

dos em épocas de mais rudimentares processos de trabalho. Se é certo que o que mais concorre para êsse desenvolvimento e êsse engrandecimento é a formação de quadros de pessoal especializado, que prepare o operário, ministrando-lhe os mais variados conhecimentos, quer teóricos, quer práticos, não é menos certo que as indústrias têm de se apetrechar com os mais modernos maquinismos, para evolutivamente poderem acompanhar todos os progressos alcançados.

A actual direcção da Imprensa Nacional de Lisboa, no intuito de conquistar novamente o grau de prosperidade de outras épocas, dentro dos seus meios de acção, tem-se socorrido de todos os recursos possíveis para atingir êsse objectivo. Em 1913 promoveu uma Exposição Nacional das Artes Gráficas, como início de uma futura exposição internacional gráfica a realizar em Lisboa no ano de 1915. Era audacioso o projecto, pois pela primeira vez se realizaria na capital portuguesa um certame de tal magnitude; mas a guerra impediu a sua efectivação. Em 1914 conseguiu a representação da indústria gráfica portuguesa na grande Exposição Internacional de Leipzig, restabelecendo o contacto dos artistas portugueses com o espirito artistico dos grandes países civilizados por meio da visita de quatro artistas gráficos a essa exposição. E todas estas realizações atestam bem quantos esforços se têm empreendido para o levantamento da grafia em Portugal.

A OBRA A QUE SE PROPÕE A BI-
BLIOTECA DA IMPRENSA NACIONAL
. . . DE LISBOA . . .

Mas para se obter o espirito de continuidade nos progressos da Imprensa Nacional de Lisboa, há tantos anos interrompido, não bastava a sua representação em exposições internacionais ou o envio de artistas para se aperfei-

çoarem em novos processos de trabalho. O assunto hoje é mais complexo. Era também indispensável proceder-se a uma remodelação dos antiquados mecanismos, que já não correspondem às necessidades modernas. E tudo isto tem sido estudado — proficiente e persistentemente. A aquisição de novos maquinismos depende principalmente de dotações orçamentais, difíceis de obter num país pobre de recursos e de grande instabilidade ministerial. A custa de porfiados esforços êste assunto entrou porém no caminho das realizações, e dentro de alguns anos a Imprensa Nacional deverá contar os maquinismos mais aperfeiçoados e compatíveis com as necessidades actuais. Para completar o conjunto de medidas atinentes ao progresso e desenvolvimento da grafia portuguesa, uma há, no entanto, que a todas sobreleva: a preparação intelectual dos seus profissionais.

O actual regulamento dos serviços da Imprensa Nacional determina que a admissão de candidatos às suas escolas só possa ser feita mediante a apresentação de documentos comprovativos de frequência do curso das escolas profissionais. Esta medida tem um largo alcance, pois, sendo a indústria gráfica uma das que melhor preparação intelectual exige aos que a ela se dedicam, tende a uma selecção na admissão de aprendizes nas diversas escolas, selecção que o decorrer dos tempos demonstrou pôder contribuir para o desenvolvimento da grafia em Portugal, pela especialização de conhecimentos adquiridos, que valorizam os concorrentes com uma melhor preparação.

A guerra europeia, em que Portugal interveio com a conseqüente mobilização, veio arrancar à Imprensa Nacional uma boa parte de artistas gráficos, todos saídos das suas escolas. O grau de cultura dêsses mobilizados determinou o seu melhor aproveitamento nas fileiras do exército, e os escolhidos, na sua maior parte, tendo alcançado postos de tenente e de alferes, deixaram-se ficar nos novos lugares, por ai gozarem melhores garantias materiais do que na indústria.



A sala «António José de Almeida» da Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa por ocasião da Exposição Camoëjana de 1924

Não foi só o exército, porém, que atraiu o pessoal especializado que a Imprensa Nacional de Lisboa havia criado nos anos que precederam a Grande Guerra. Pelos preparos adquiridos nas escolas industriais e com a conseqüente elevação mental adquirida na continuação do estudo, hábito excelente que as escolas criam e estimulam, outros artistas em idénticas circunstâncias, e pelos mesmos motivos da situação anormal criada, foram atraídos para outros lugares menos árduos, achando-se alguns nos vários bancos, repartições públicas, jornalismo, etc. Se porventura a guerra, criando uma situação anormal, veio perturbar os serviços da Imprensa Nacional, não é menos certo que a paz não repôs a situação normal, antes, pelo contrário, veio ainda agravá-la.

Nos últimos tempos, pelo menos até 1925, os concursos de admissão de aprendizes ficaram quasi desertos, por não se apresentarem candidatos com as habilitações exigidas pelo regulamento. A necessidade de completar os quadros de aprendizes forçou por vezes o Estabelecimento a transigir na admissão de individuos apenas com o exame de instrução primária, e outros, muito poucos, com rudimentares conhecimentos de desenho, francês, etc., habilitações insuficientes para um bom preparo de artistas gráficos.

Recentemente, os relatórios dos júris, que anualmente verificam o aproveitamento dos aprendizes, salientaram duma forma exuberante a falta de educação teórica, que os inferiorizou e os conduziu ás mais precárias classificações. E este problema, insolúvel dentro dos recursos da Imprensa, seria bastante grave, porque abria um largo caminho para uma futura e inevitável decadência, se a crise de colocações que se atravessa não começasse de novo a atrair concorrentes habilitados ao aprendizado da nossa primeira casa gráfica.

Mas o director geral da Imprensa Nacional de Lisboa, Sr. Luis Derouet, fértil em iniciativas proveitosas para elevar o Estabelecimento que superiormente dirige, criou a Biblioteca, incompreendido ainda o seu largo alcance

por quem é pouco dado a assimilar rapidamente os benefícios que dessa criação devem resultar. É uma sala acessível a cultos e incultos, pois encerra, a par de obras valiosas que só a sábios e eruditos interessam, uma vasta colecção de livros, já adquiridos pela actual direcção, de verdadeiros ensinamentos para o povo, que mais carece de instrução. Esta riqueza bibliográfica, que em grande parte se encontrava encerrada em caixotes, há mais de vinte anos, está hoje ao alcance de todos os que se consagram ao estudo e que têm amor pelas belas letras.

Tornada popular, pela admissão na sua sala de leitura de todas as classes sociais, outra função está reservada à Biblioteca: a de cooperadora, no âmbito da sua acção, no desenvolvimento e progresso das artes do livro. Possui já uma valiosa colecção de espécies gráficas, mas na sua maioria antigas, do século passado, poucas sendo as modernas. A própria bibliografia técnica gráfica portuguesa é muito pobre. Temos apenas dois manuais do tipógrafo: uma edição de 1886, de Joaquim dos Anjos, e outra de 1915, de Libânio da Silva, e um manual de galvanoplastia.

Em 1912, o artista impressor espanhol Berirand, que fez escola em Lisboa, criando alguns artistas, tentou a publicação, numa revista gráfica que editava, de manuais do impressor, do encadernador, do litógrafo e do gravador, mas no nosso país estas obras infelizmente têm pouco público e a revista cessou a publicação por falta de assinantes, ficando incompletos aqueles manuais. E eis tudo quanto temos em português respeitante a ensino técnico. Uma verdadeira pobreza! ;E as bibliotecas só podem ser úteis tendo um bom recheio de livros!

Por isso a cooperação que a Biblioteca poderia dar no desenvolvimento e progresso da indústria do livro era efémera. Um manual do tipógrafo e outro de galvanoplastia em português e algumas obras estrangeiras, que os nossos artistas na sua maioria não consultariam, por desconhecimento dos respectivos idiomas, não constituíam, de

facto, um recheio de literatura técnica. Infelizmente, em Portugal, ainda é desconhecida a célebre frase de Napoleão de que um homem que fala duas linguas vale dois homens. Foi pois em face da escassez de obras gráficas que se reconheceu indispensável pôr a Biblioteca da Imprensa em contacto com o novo mundo artistico, por intermédio de bibliotecas, escolas gráficas profissionais e casas editoras de livros da especialidade, para enriquecer o seu recheio bibliográfico e torná-la útil e necessária áquelles que verdadeiramente amam a sua profissão. A realização d'este desejo não se me antolhava porém fácil, pela carencia de catálogos, boletins, revistas e outras publicações indicadoras do que há de mais moderno, mais útil e mais práctico, que elucidasse os artistas sequiosos de saber, e desejosos de valorizarem mais ainda os seus conhecimentos profissionais e desenvolverem no mais alto grau as suas aptidões.

Querendo corresponder à confiança do director geral da Imprensa, encarregando-me da organização da Biblioteca, tenho procurado desempenhar o melhor possível as novas atribuições que me foram conferidas, cooperando dentro das minhas possibilidades no engrandecimento da grande obra que S. Ex.^a criou no estabelecimento que dirige. Sob êste critério, e para preencher a lacuna da falta de obras técnicas na Biblioteca, resolvi ir directamente ao estrangeiro, numa viagem de estudo e de investigação, em que pudesse fixar as minhas impressões sôbre o que de mais útil encontrasse para pôr a Biblioteca no estado de cooperação que lhe está destinado no progresso e engrandecimento das artes do livro.

Carecia de ver como a indústria gráfica apresentava as novas produções, como a arte, tam difundida e espalhada nos meios profissionais estrangeiros, se demonstrava no livro moderno. E as nossas afinidades espirituais e sentimentais com o povo francês, donde temos recebido educação espiritual e artistica, indicavam-me de preferência a França como excelente campo de observação e de ensi-

namento. Foi pois a França o país que me propus percorrer, visitando as suas principais bibliotecas e as suas escolas profissionais mais características.

AS ESCOLAS PROFISSIONAIS SÃO A
PRINCIPAL BASE DO PROGRESSO DO
TRABALHO

São de remota origem em França e na Bélgica as escolas profissionais, chamadas *Écoles de métiers*. Estas escolas acompanharam sempre a evolução das indústrias, melhorando e aperfeiçoando os seus processos de ensino. Mas era lento o seu desenvolvimento, como lento era o progresso das indústrias. Até que, no século passado, as maravilhosas descobertas da ciência aplicadas à mecânica, transformando completamente todos os antigos métodos de produção, tiveram o seu efeito reflexivo nas escolas profissionais, cujo ensino já se não podia limitar ao manuseamento das ferramentas, sendo então introduzido o ensino teórico nas escolas profissionais.

A instrução é portanto útil ao próprio trabalhador manual: a instrução geral em primeiro lugar, mas mais ainda uma instrução especial, que se chama instrução profissional, e que poderemos definir, se nos permittem a expressão, pela filosofia de cada profissão. Para bem orientar o seu trabalho e alcançar um pouco de êxito, é necessário que o operário se aperceba das razões da sua prática, que compreenda o pensamento que guia as suas operações, como o movimento da máquina que dirige. Sem pontos de vista teóricos e alguns princípios gerais, não passa dum utensílio, e permanece incapaz de resolver as dificuldades imprevistas que surgem dia a dia no decorrer do trabalho. A oficina apenas ensina a parte material da profissão, ou, se por circunstâncias fortuitas, o ensino vai um pouco mais além, nunca passará dum empirismo rotineiro.

Aprende-se a destreza dos movimentos, adquire-se a habilidade e o hábito, mas não é o suficiente: para o exercício inteligente de uma profissão é preciso ligar a teoria à prática, é indispensável penetrar-se na filosofia da própria profissão.

Vemos hoje as chamadas profissões liberais, depois de mobilado o seu espírito com os conhecimentos científicos das escolas teóricas, completar êsses conhecimentos nas escolas práticas: os médicos nos hospitais, os engenheiros nas oficinas, os agrónomos nos campos, os advogados nos estúdios dos seus já experimentados colegas. E, assim como as profissões liberais vão à praticabilidade para completar os seus conhecimentos, é preciso que os operários manuais vão às escolas científicas para alcançar o mesmo objectivo. Hoje o trabalho, no mundo civilizado, entrou nos domínios da ciência, denominando-se trabalho científico. Para observar e estudar o grau de evolução produzido não só no período anterior à guerra, mas muito principalmente no período post-guerra, em que o ensino técnico se aprimora cada vez mais, atingindo os domínios da ciência, só os grandes centros de produção, em que o ensino se intensifica e desenvolve de uma forma assombrosa, poderiam satisfazer a curiosidade do observador.

Os países que não querem sossobrar nesta luta de concorrência têm necessidade de criar mão-de-obra valorizada, formar os seus quadros escolares profissionais, enriquecendo cada vez mais o saber dos seus operários. O ensino técnico e profissional é a base de todo o progresso do trabalho. Por isso a França e a Bélgica, por intermédio dos seus mais abalisados professores da especialidade, fazem convergir as atenções dos patrões e dos operários para esta luta de vida ou de morte, pedindo-lhes a cooperação e a colaboração na grande obra de defesa e de ressurgimento das suas indústrias.

A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO TEÓ-
RICO E PROFISSIONAL EM LYON

Começemos, pois, pela França. Visitámos a cidade de Lyon, departamento do Ródano, com uma área de 134:036 hectares, compreendendo 12 cantões, com 135 municípios e 700:000 habitantes. Lyon deve a sua prosperidade à indústria, que era já florescente no domínio romano, tendo decaído na Idade Média, em que o comércio de trânsito passou à primeira categoria. No século xvi a imprensa tomou ali grande incremento. A indústria das sêdas, uma das mais importantes de Lyon, teve a sua origem em 1536, 70 anos depois da concessão do monopólio do comércio das sêdas de Espanha e Itália, que Carlos VII atribuiu àquela cidade. Naquela época montaram-se 10 teares, que a breve trecho atingiram o número de 12:000. A praça de Lyon é na actualidade o mercado regulador das sêdas, por mais que Milão lhe dispute esta direcção. Em 1894 receberam-se em Lyon 5.839:468 quilogramas de sêda em rama. Só a indústria local emprega uns 2.500:000 quilogramas; o resto é exportado. Além disso utiliza uma enorme quantidade de bôrra de sêda e 2 milhões de quilogramas de lã e algodão, que vêm da Alsácia, da Suíça e da Inglaterra. É superior a 300:000 o número de operários que se dedicam à indústria da sêda na região. Esta grande especialidade, na qual Lyon não tem rival no mundo, provocou o desenvolvimento de várias indústrias anexas. A de produtos quimicos, que alimenta as tinturarias, produz 80 milhões de francos. Proporciona a tinta para 6 milhões de francos de matérias corantes animais e 5 milhões de corantes vegetais. Várias fábricas aproveitam os ossos e os despojos das peles, donde extraem cola e gelatina, superfosfatos, fósforo, etc. Fabricam-se estearinas, ácido picri-

co, ácido tártrico, ácidos sulfúrico e clorídrico, sulfatos de ferro e cobre, sais de sódio e produtos farmacêuticos. É um grande mercado de metais e vende grandes quantidades de ferro fundido e aço, chumbo, cobre, estanho, zinco, etc. De Lyon saem enormes quantidades de materiais para as construções metálicas (pontes e mercados), e para as oficinas de máquinas de vapor, barcos de vapor, instrumentos agrícolas, material de caminhos de ferro, cabos metálicos, etc. Os produtos da metalurgia lionesa ascendem a 75 milhões de francos. A joalharia e ourivesaria pertencem-lhes os mercados da Europa, Austrália e América do Sul. Só os coiros e peles proporcionam trabalho a vários milhares de operários. As fábricas de farinhas e pastas alimenticias têm uma produção de 150 milhões de francos, independentemente de muitas outras pequenas indústrias que é ocioso enumerar.

Num tam grande centro industrial e comercial como é Lyon, talvez o primeiro da França, é que o ensino técnico e teórico se tem desenvolvido dum maneira assombrosa. Foi em 1864, em seguida e sem dúvida sob a impulsão da circular pela qual Victor Duruy instituia em França o ensino moderno, isto é, fazia penetrar no ensino secundário a idea dum ensino essencialmente práctico, que um grupo de homens esclarecidos da cidade de Lyon se reunia para encontrar os meios de facultar aos trabalhadores adultos um ensino profissional.

Já existiam naquela cidade instituições de instrução técnica: a Escola Martinière prosperava há uma trintena de anos; a Escola Central Lionesa acabava de ser fundada. Mas estas escolas destinavam-se a rapazes e preparavam contramestres ou patrões. Para os operários adultos nada havia.

Era preciso estabelecer um programa no qual se fixassem as bases do ensino moderno da época. Homens bastante inteligentes, vindos de todas as regiões do pensamento, e animados de preocupações muito diversas, tiveram então o condão de se entender à luz das suas próprias

contradições, que tiveram a clarividência de precisar desde o início. E aprovar e pôr em execução esse programa era já uma vasta empresa.

Dai surgiu uma associação independente de toda a autoridade constituída, evolucionando em plena liberdade e procurando os seus métodos na sua experiência; e preferiram infiltrá-la no mundo dos trabalhadores, para melhor conhecer as suas necessidades e melhor poder satisfazê-las.

Os promotores deste grande projecto apelaram para o concurso da Câmara do Comércio, dos seus amigos e de todos os simpatizantes da obra a criar. Interessaram na sua idea alguns operários ou empregados classificados, e em breve a obra estava de pé. Foi subscripto um capital importante. Redigiram-se os estatutos. Obtida autorização do prefeito, em 27 de Novembro de 1864, isto é, alguns meses após a primeira reunião preparatória, realizava-se a sessão inaugural na sala da Bôlsa do Trabalho, sob a presidência de M. Perdonnet, presidente da Associação Politécnica de Paris. Estava fundada a Sociedade de Ensino Profissional. E na criação desta grande obra distinguem-se em primeiro lugar dois grupos de origem diferente: um pertencente ao grande comércio ou às carreiras liberais, outro pertencente ao mundo dos trabalhadores. É evidentemente ao primeiro grupo a quem cabe a iniciativa e quem dirige a acção. Mas o segundo tem um papel importante a desempenhar. Penetra no meio operário; faz a propaganda que convém e encarrega-se de toda a acção de colaboração prática, indispensável e muito difficil quando se trata de uma organização complicada. Cada um na realidade trabalhou na obra comum: aqueles, emprestando a autoridade dos seus nomes, das suas altas situações, das suas relações; estes, dando a sua actividade, a sua juventude, a chama do seu entusiasmo, a sua audácia de innovadores; outros, ainda, trazendo o concurso da sua competência em matéria de ensino técnico, dos seus talentos de organizadores ou da sua experiência de administração.



A escola de aprendizes de composição da Imprensa Nacional de Lisboa. vendo-se ao fundo, á esquerda, a máquina de compor *Linotype*



Em 1867 criaram-se cursos femininos. Durante muito tempo os cursos femininos foram muito menos numerosos do que os cursos masculinos. Depois, pouco a pouco, desenvolveram-se, e mesmo mais rapidamente do que os cursos masculinos. Em 1874 a Sociedade instituiu cursos mixtos consagrados a ensinns indispensáveis aos dois sexos, como, por exemplo, cursos de línguas, literatura, estenografia, fotografia, etc. Em 1900-1901 havia 63 cursos femininos, 12 cursos mixtos e 75 cursos masculinos. Em 1913-1914 abriu a Sociedade 208 cursos teóricos, com uma frequência de aproximadamente 9:000 alunos. Estes cursos, que se dividem em 45 matérias diversas, constam de 26 cursos primários, 57 cursos profissionais de ensino geral, e cursos profissionais especiais assim divididos: construção, 14; metalurgia, 9; tecidos, 9; vestuário, 56, e profissões diversas, 37. Em 1924-1925 foram instituídos 268 cursos, que agruparam 11:143 auditores. Estes cursos subdividem-se em 172 cursos industriais ou comerciais, 54 de ensino caseiro e 42 de ensino geral, compreendem 100 cursos femininos, 59 mixtos e 109 cursos masculinos. O número de alunos é assim dividido: 3:637 senhoras e 7:506 homens, entre os quais 174 militares. Os novos cursos criados em 1926, para completar ciclos de ensino ou para desdobrar cursos existentes, são os seguintes: curso de correspondência comercial, superior de contabilidade, técnico dos bancos (2.º ano); de francês para os estrangeiros, de italiano; de tecidos (2.º ano); de desenho (1.º ano), para aprendizes metalúrgicos; segundo curso prático de tornear e de fresar; de geometria e desenho (2.º ano), para professores de construção; de ferragem de arte (2.º ano); de engomar para complemento do ciclo de ensino caseiro.

Como sùmula dêste conjunto dos mais variados cursos, tem a Sociedade uma excelente biblioteca, com mais de 1:000 obras de bibliografia técnica e profissional, além dum provido recheio das mais variadas obras de sciências e de literatura. Para bem se avaliar da sua grandeza e impor-

tância basta mencionar os títulos das divisões sistemáticas do seu catálogo :

Obras técnicas :

- I. — Geometria descritiva. Mecânica.
- II. — Profissões das indústrias metalúrgicas.
- III. — Profissões da construção, do mobiliário, dos trabalhos públicos e de carruagens.
- IV. — Electricidade e aplicações.
- V. — Têxteis. Sêdas. Tecidos. Vestuário. Tinturaria.
- VI. — Comércio. Contabilidade. Direito. Bancos.
- VII. — Profissões diversas.
- VIII. — Belas artes.
- IX. — Revistas científicas e industriais.
- X. — Obras diversas sobre sciências, invenções e descobertas.
- XI. — Pedagogia. Obras sobre o ensino profissional.

Obras de ensino geral :

- I. — Francês. Matemática. Física. Química. Ciências naturais. Agricultura. Horticultura.
- II. — Medicina. Higiene.

Obras literárias :

- I. — Contos e romances.
- II. — Revistas literárias.
- III. — Teatro clássico e moderno.
- IV. — Literatura clássica. Literatura geral. Poesias. Critica literária.
- V. — História geral e especial. Biografia. Memórias. Monumentos históricos.
- VI. — Geografia. Viagens. Costumes. Narrativas.
- VII. — Filosofia. Religião. Moral.
- VIII. — Economia política e social. Política. Estatística.
- IX. — Línguas estrangeiras.

Esta biblioteca está constantemente a renovar e a completar as suas colecções de livros. O número de volumes emprestados anualmente ultrapassa 20.000. É uma consequência feliz do ensino que se difunde : desperta a curiosidade da leitura, suscita nos operários o desejo de se instruírem cada vez mais e de adestrarem o seu espírito.

Tal é a organização do ensino teórico e profissional com que contam a indústria e o comércio de Lyon para preparar a mentalidade dos seus operários e empregados.

A bacia de Charleroi conta uma população de 435:000 habitantes numa única aglomeração. A cidade só por si conta apenas 27:000.

Esta aglomeração é a sede das indústrias mais diversas. Mais de cem poços de minas, mais de vinte altos fornos, fabricação de aço, depois as indústrias agrupadas em torno das grandes fábricas siderúrgicas, como a da construção de pontes, locomotivas, a construção do grande e pequeno material eléctrico, fábricas de cavilhas, de pregos, de parafusos, de esmalte, de indústrias químicas, de indústrias cerâmicas, de vidros, de espelhos e de cristais; mais além, rodeando a bacia industrial, as indústrias agrícolas: fábricas de açúcar, de destilação de levadura, de féculas, etc. Tudo ali trabalha, e a prodigiosa actividade que emociona os visitantes é a única riqueza desta região.

Em 1902, M. Langlois, inspector geral do ensino técnico do Hainaut, assinalava que as quarenta e duas escolas industriais nocturnas, disseminadas na província, se tornavam impotentes para formar o pessoal qualificado dos centros de estudo e do comércio e o quadro dos serviços activos. Era preciso fazer uma selecção entre os diplomados e aperfeiçoar os conhecimentos dos melhores de entre eles; a sciência tinha progredido, as indústrias tinham feito todos os esforços para se equipar; os quadros do pessoal qualificado iam ficar em proporções desvantajosas em relação ao desenvolvimento operado.

Com efeito, um ano depois organizava-se uma escola superior nocturna que recrutava os seus alunos do primeiro ano entre os diplomados das escolas industriais de toda a província; estabeleceram-se cursos de sciências puras, inno-

vação da maior audácia naquela época. Instalaram-se laboratórios e transferia-se assim para os cursos nocturnos uma parte dos programas do ensino superior. Todos os cursos foram confiados a engenheiros ou a professores universitários, cuja especialidade lhes foi attribuída. Em 1914 esta escola tinha criado 279 diplomados. É desta época que data a mais estreita colaboração da indústria e do ensino. Eis, pois, a origem da Universidade do Trabalho de Charleroi.

A Escola Industrial Superior, que de início contava somente 132 alunos, é freqüentada hoje por 656. Possui secções especiais de técnicos das oficinas de pontes e material de construção civil, vagões, motores mecânicos fixos e locomotivas, material eléctrico, de trabalhos públicos, de exploração de minas, de química industrial, de siderurgia com estudos especializados para os altos fornos, fabricação de aço, feiras. Está-lhe anexa uma escola comercial superior onde se ensina contabilidade industrial, serviços dos bancos, finanças, direito comercial, exportação e linguas vivas.

Um ano depois organizavam-se em Charleroi, no local duma antiga gendarmaria, cursos nocturnos para a formação de operários qualificados nas indústrias da imprensa, da pastelaria, do vestuário, da horticultura, do chumbo e do zinco. Os cursos eram confiados a práticos e alguns professores eram encarregados do curso básico. Os dirigentes de indústria, que já podiam organizar os seus quadros, verificaram a dificuldade do recrutamento da mão-de-obra qualificada, e, a seu pedido, acrescentou-se aos cursos profissionais nocturnos, reservados em primeiro lugar aos mestres, uma secção especial para os grupos classificados da grande indústria: ensaiadores de moedas, operários de máquinas-ferramentas, forjadores industriais, caldeireiros, construtores de material eléctrico e electricistas. Mais tarde criaram-se secções de modeladores e moldadores. Todos os cursos destas secções estão confiados a profissionais, que têm pelo menos dez anos de prática, diplomados em escolas técnicas, que freqüentaram cursos

normais nos quais aprenderam a ensinar, e que, emfim, conseguiram com êxito provas de aptidões profissionais e pedagógicas. Esta quádrupla selecção assegura um pessoal de primeira ordem. Os resultados são eloqüentes: em 1926 contavam-se 936 diplomados nesta divisão e distribuíram-se 165 diplomas depois de três ou quatro anos de estudos.

Até 1909 a grande Escola Técnica de Charleroi só contava cursos nocturnos. Em seguida a um inquérito sôbre a situação da mão-de-obra, os dirigentes de indústria registaram a impossibilidade de prosseguir a aprendizagem em algumas das suas divisões e pediram que se estudasse a abertura duma escola diurna especial de aprendizagem para os officios qualificados da grande indústria. A escola abriu nesse mesmo ano com 200 alunos. Hoje conta 900. A grande dificuldade estava em adaptar a população operária belga a escolas diurnas, que eram até então desconhecidas. Instituiu-se uma cantina gratuita e um pequeno salário para os trabalhos officinaes. As especialidades ensinadas são as mesmas dos cursos nocturnos. O pessoal de ensino é recrutado nas indústrias. Os alunos diplomados podem ser admitidos na Escola Industrial Superior nocturna e têm igualmente acesso às escolas diurnas.

Emfim, a divisão mais recente da Universidade do Trabalho é a escola especial de técnicos, acessível aos alunos saídos do ensino secundário e da escola profissional diurna. É uma escola diurna, cujo grau de ensino é sensivelmente o mesmo que o das escolas nacionais de artes e officios da França. Os estudos têm a duração de quatro anos, sendo o último consagrado a uma especialidade: pontes e materiais de construção, vagões ou motores mecânicos fixos, e locomotivas ou construção de material eléctrico ou exploração de energia eléctrica. Uma quinta secção occupa-se da formação dos engenheiros químicos.

Dois anos são consagrados a estudos scientificos profundos, confiados a doutores e a engenheiros exclusivamente destinados a êste curso. Mas os cursos de sciências appli-

cadás e os cursos especiais são dirigidos por engenheiros da indústria. Os programas de ensino são revistos todos os anos por comissões de orientação, que lhes introduzem regularmente os últimos progressos científicos das indústrias regionais.

As quatro grandes escolas formam dois ciclos completos de estudos, um diurno, outro nocturno, êste acessível aos que não têm meios para abandonar as oficinas, mas cujas aptidões lhes permitem abordar estudos superiores. Ao lado destas grandes quatro escolas, cuja população total atinge 2:700 alunos, a Universidade do Trabalho foi levada a criar cursos especiais: os diplomados das secções de mecânica destinam-se à aviação e os electricistas à telegrafia sem fios.

Todos os alunos diplomados têm acesso a cursos normais de ensino técnico. Estes são organizados em vários pontos da provincia; os de Charleroi, em particular, dirigem-se aos práticos, e têm como base um ano consagrado à cultura geral e ao ensino da lingua francesa. Uma secção feminina forma secretários; admite, por concurso, raparigas que terminaram os seus estudos secundários. A mesma divisão tem cursos de desenho industrial destinados a formar auxiliares das secções de desenho. Os alunos que os frequentam obtêm o diploma de secretário técnico.

A última divisão desta vasta organização é, afinal, o museu de ensino técnico, que agrupa todos os serviços técnicos não pertencendo directamente ao ensino. Ai instalaram-se laboratórios para os industriais destinados aos ensaios físicos, mecânicos, eléctricos e químicos dos materiais. Devem ser citados entre os melhores equipados da Europa e a sua actividade é notável.

Uma biblioteca técnica, que empresta 350 volumes por dia, ou seja 120:000 por ano, instalou uma secção de documentação industrial que colhe das revistas técnicas industriais — mais de 100 — todos os elementos que são organizados segundo a classificação bibliográfica internacional ou decimal.

O conjunto de todas estas obras forma a Universidade do Trabalho, que, j6vem ainda, pode beneficiar da experi6ncia de numerosas escolas t6cnicas e pode, felizmente, agrupar todos os seus servi7os num local 6nico, assegurando assim ao pessoal e ao material um 6timo rendimento.

A iniciativa da obra pertence 6 provincia que estabeleceu taxas a cargo da ind6stria. Desde 1919 que 6 subsidiada pelo Estado. Tem 200 professores e encarregados de cursos e uma popula76o total de 3:100 alunos. O seu or7amento anual 6 de 1.750:000 francos.

Est6 assegurado o contacto intimo com a ind6stria. O conselho de administra76o compreende os chefes das grandes f6bricas e os delegados das organiza76es oper6rias. Cada especialidade tem uma comiss6o especial presidida por um administrador e os membros que a constituem s6o designados pelos industriais e pelas organiza76es oper6rias. 6 esta colabora76o o grande factor do sucesso dos estudos, porque n6o basta apenas o dinheiro e a colabora76o da ind6stria: 6 preciso que as necessidades reais da pr6tica sejam conhecidas e que haja um concurso de colaboradores aptos a fazer face a estas necessidades.

A B6lgica, que importa tr6s quartos do trigo necess6rio 6 sua alimenta76o, e que as suas produ76es naturais s6o deficit6rias, pois importa minerais de ferro, carv6o e produtos agricolas, s6 tem como artigos de exporta76o os produtos do trabalho dos seus oper6rios, executados segundo 6s concep76es dos seus engenheiros.

AS ESCOLAS GRAFICAS PROFISSIONAIS
FRANCESAS E O SEU DESENVOLVIMENTO
· · · · ·

Exposto, pois, o que 6 a r6de de escolas te6ricas e pr6ticas em duas grandes regi6es industriais, em que o ensino se desenvolve e evoluciona, acompanhando os progressos

da ciência aplicados a todas as manifestações da actividade, no sentido de manter e aperfeiçoar todos os processos de ensino para se adquirir uma mão-de-obra valorizada e qualificada, analisemos agora as escolas gráficas profissionais, que foram objecto de uma maior observação e de mais cuidada análise, por ser a indústria sôbre que principalmente incidia o nosso estudo.

Mas êste estudo, para ser o mais aproximado possível, tem de ser observado sob o aspecto da organização da indústria que mais feriu a nossa atenção. A indústria gráfica francesa está apoiada em dois grandes colossos, que a defendem e engrandecem com o poder da sua enorme fôrça. Dum lado a Federação dos Sindicatos dos Mestres-Impressores de França, do outro a Federação Francesa dos Trabalhadores do Livro. É sob a vigilância, fiscalização e orientação destas duas poderosas colectividades que a indústria do livro em França conquistou o elevado lugar que hoje disfruta.

À primeira vista parecerá paradoxal que duas colectividades de interêsses antagónicos possam entender-se e colaborar. Mas aqui trata-se da defesa da indústria, que é de interêsse comum, pois que ambas as partes dela vivendo, têm vantagem em engrandecer e valorizar, porque implicitamente se engrandecem e valorizam; mas no campo das reivindicações de ordem material e moral, já fazendo subir os salários na proporção do custo da vida, já fixando horários ou estabelecendo outras conquistas, a luta é por vezes renhida. E por mais rude que a luta se apresente, em que os dois colossos se defrontem e discutam mais ou menos ásperamente, as escolas profissionais mantêm-se alheadas nestas disputas de interêsses antagónicos, em terreno neutro, na terra de ninguém. Nenhuma das partes tem empenho em envolvê-las, antes, ao contrário, se apresam em unir-se para as defender e engrandecer.

Para se chegar porém a êste estado de perfeição, quantas lutas empreendidas, quanto dinheiro despendido, quantas greves, quantos *lock-outs!*



A oficina e escola de gravura da Imprensa Nacional de Lisboa

Uma das principais reclamações de ordem moral, que há bastantes anos a Federação Francesa dos Trabalhadores do Livro inscrevera no seu programa de defesa da indústria, era a regulamentação da aprendizagem. E quantas vezes ela sucumbira em lutas incruentas na reivindicação dessa aspiração! A Federação dos Sindicatos dos Mestres-Impressores de França não podia aceitar tal principio por colidir com a liberdade de recrutamento de mão-de-obra, que a punha ao abrigo das exigências operárias. Esta liberdade dava-lhe a faculdade de aumentar o quadro dos profissionais, em relação às necessidades da indústria, provocando a oferta do braço e a conseqüente redução do salário. A forma atrabiliária como êsse recrutamento era feito, embora se invocasse o principio da liberdade, tam vilipendiado quando ao serviço dos interesses duma classe, dava margem à criação duma mão-de-obra desvalorizada, que muito concorria para a decadência da indústria. Muitos industriais foram então, pouco a pouco, reconhecendo as vantagens da regulamentação, que os punha ao abrigo da desleal concorrência que lhes faziam colegas menos escrupulosos na aquisição de mão-de-obra mais barata. A mentalidade da classe patronal não era superior à da classe operária. E as duas classes, patronal e operária, acabaram por firmar um acôrdo para o estabelecimento da regulamentação da aprendizagem, cujas bases são as seguintes:

- Quatro anos de aprendizagem;
- Admissão com a idade minima de 13 anos;
- Certificado de estudos teóricos;
- Certificado médico reconhecendo um estado físico compatível com o exercicio da profissão;
- Retribuição no primeiro semestre de $\frac{1}{6}$ do salário fixo minimo do operário qualificado, e aumento de $\frac{1}{12}$ do mesmo salário nos subsequentes semestres até terminação da aprendizagem;
- Formação dum pecúlio de 500 francos, constituído nas quatro anuidades da aprendizagem por 50 francos no 1.º anno, 100 no 2.º, 150 no 3.º e 200 no 4.º

As federações patronal e operária abrangem toda a organização gráfica francesa, subdividindo-se em secções regionais, que conservam uma relativa independência para actuar consoante a situação especial de cada região, e assim temos que em Bordeaux a regulamentação da aprendizagem vai até a limitação da admissão de aprendizes, computada na proporção de um aprendiz para cinco oficiais e na aceitação de um certificado do Instituto de Orientação Profissional, especializando o grau de acuidade visual e de audição, além do certificado médico. Como claramente se verifica, esta regulamentação obriga a uma selecção na admissão de aprendizes, com todas as características indispensáveis para o exercício das profissões gráficas.

Como já vimos, a criação, manutenção e desenvolvimento das escolas profissionais, tanto em França como na Bélgica, são devidas à iniciativa particular. Ali não se conta com o Estado-providência. Assim, as escolas gráficas, que visitámos em Lyon, Bordeaux e Paris, são custeadas pelos patrões, dirigidas pelos operários e fiscalizadas por ambas as partes. O júri, que anualmente examina os aprendizes, é constituído por igual número de delegados das federações patronal e operária. Estas escolas também são subsidiadas pelos *maires*, pelas câmaras municipais e pelo Govêrno, que em 1925 publicou uma lei de finanças criando o imposto de 2 francos por 1:000 pagos como salários ou ordenados, para custear o ensino industrial e comercial. Dêste imposto são isentos os industriais em cujas oficinas se ministra o ensino industrial.

As escolas profissionais gráficas distribuem anualmente prémios aos alunos melhor classificados, publicando todos os trabalhos premiados num *Boletim*, de que trouxemos alguns números. Por sua vez, a Câmara Sindical Tipográfica Parisiense publica um órgão trimestral de propaganda técnica para a difusão dos trabalhos dos seus cursos, intitulado *Bulletin Officiel des Cours Professionnels*, que vai já no 23.º ano de publicação. Além dos primorosos trabalhos executados no curso profissional, insere igualmente vários

artigos sôbre todas as manifestações artisticas e progressos atingidos na indústria gráfica. Esta revista vive exclusivamente do produto das suas assinaturas, que são numerosas, e espalha e difunde a instrução artistica e professional por todos os artistas indistintamente. Em 1925 publicou um suplemento, num grosso volume, especialmente destinado à Exposição das Artes Decorativas de Paris, e que constitui um valioso repositório dos melhores trabalhos artisticos saídos da Câmara Sindical Tipográfica Parisiense.

A «ESCOLA IDEAL» DA GRAFIA É
. . . A ESCOLA ESTIENNE . . .

Mas a escola-ideal, a escola-mãe da grafia francesa é a Escola Estienne, fundada em 1889 pelo Conselho Municipal de Paris, e actualmente dirigida por M. George Lecomte, membro da Academia Francesa, que nos esclarece e elucida sôbre o ensino escolar e o seu objectivo.

É na Escola Estienne que se criam os melhores artistas, com uma instrução completa, desde os processos mais antiquados até os mais modernos, desde a descoberta da arte do livro até o conhecimento de todos os processos scientificos que a têm feito progredir e colocar no primeiro plano que hoje alcançou. Os artistas saídos desta escola nada ignoram do passado da sua profissão, sabendo adaptar-lhe o gôsto e o sentido da beleza, e podendo pôr a perfeição técnica ao serviço das ideas e das novas formas. Examinam-se todas as necessidades de cada ramo da grafia e os melhores métodos para lhes dar satisfação. Nunca se hesitou em aplicar, a tempo, as medidas indispensáveis para adaptar êste ensino às necessidades modernas e às novas condições das diversas indústrias do livro. E tudo isto se faz sem demoras escusadas e pressas comprometedoras, sem ruido e sem retumbâncias teatrais, depois de um profundo estudo das transformações industriais. Foi

assim que, tendo alcançado uma grande extensão os processos de reprodução mecânica, se construiu um edificio especial, com oficinas bem concebidas e providas das melhores ferramentas para o ensino da fotogravura.

Mais tarde, quando a importância crescente da publicidade exigiu operários preparados, criaram-se cursos de história e de desenho da letra, esboços industriais artisticos, de educação estética, a fim de que os alunos regulares da escola e mesmo os operários tivessem os recursos para aprender a arte das disposições harmoniosas e surpreendentes, de dar relêvo duma maneira atraente às ideas e às indicações essenciais duma publicidade bem feita, dum cartaz, dum frontispicio, duma página de catálogo, etc. E de cada vez que mais se acentuava que o futuro das diversas indústrias do livro dependia dum trabalho consciencioso, cheio de gosto, inspirado por um constante cuidado de perfeição até nos seus mais insignificantes trabalhos de uso vulgar, como programas, catálogos, cartas-circulares e comerciais, facturas, etc., a escola reforçou os seus cursos de desenho e de composição decorativa, cujo espirito continuamente se fazia sentir no labor pratico das oficinas.

Emfim, quando a crise da aprendizagem se tornou bastante inquietadora, foi ainda a Escola Estienne quem primeiro abriu as suas portas aos aprendizes externos, sem necessidade de modificar o recrutamento normal dos seus alunos regulares. Desde 1915, em plena guerra, organizou um curso semanal de aperfeiçoamento dos operários fotogravadores. Na mesma época, adquirindo uma máquina de impressão litográfica roto-calco, estabeleceu um curso de metalografia, aos domingos, tam proveitoso aos operários externos como aos seus alunos regulares, que formou 500 a 600 jovens franceses na prática dum processo até à guerra quasi exclusivamente nas mãos dos alemães e dos austriacos. E este ensino libertador continua.

Com o mesmo cuidado de servir sob as mais diversas e modernas formas as indústrias francesas do livro, e de uma maneira apropriada às necessidades actuais, logo

após a guerra a Escola Estienne fez pela gravura em relevo o que, durante a guerra, promoveu para os fotogra-
vadores. Alargando a oficina, abriu-a aos jovens gravado-
res em metal da indústria que aí completam os cursos
práticos de aperfeiçoamento, duas manhãs por semana,
custeados pelos próprios patrões. Desde 1924 fazem-se
cursos análogos para aprendizes compositores e impres-
sores tipográficos da indústria privada, três vezes por se-
mana, custeados pelos sindicatos patronais.

A organização dos programas escolares foi concebida
para a preparação de operários de *élite*. Uma escola pro-
fissional não se cria para formar, custe o que custar e à
pressa, operários destinados ao perpétuo cumprimento das
mesmas ingratas necessidades e insuficientemente pagos.
O seu fim é ensinar aos seus alunos todos os pormeno-
res da sua profissão, e ao mesmo tempo, para que eles
a pratiquem melhor, de acordar nêles o sentido da beleza,
de educar o seu gosto, de desenvolver a sua inteligência
por um complemento de instrução geral. Nada de espe-
cializações estreitas e prematuras. O que importa é que
os moços artistas saiam da escola profissional com as pos-
sibilidades do porvir que outra formação lhes não daria,
com o fim de passar sem dificuldades duma especialidade
da sua profissão para outra, se nisso encontrarem vanta-
gem, adquirindo um completo conhecimento da sua profis-
são quando a experiência industrial — muito rapidamente —
fecundar o seu saber escolar. ¿E quais são os melhores
métodos para preparar os jovens laboriosos e conscien-
ciosos para esta superioridade possível no futuro? Em pri-
meiro lugar é indispensável desenvolver e tornar flexi-
vel a sua inteligência por um complemento de instrução
teórica e mobilá-la não só de conhecimentos gerais, mas
de noções particularmente úteis nas indústrias do livro,
completando-as com o complemento de instrução geral,
com os cursos de desenho e de composição decorativa,
que a experiência já demonstrou serem os melhores ele-
mentos de sucesso. Aliado a estes conhecimentos o ensino

de física e química — o mais rapidamente possível adaptados às necessidades dos ramos da indústria do livro — iniciando-os ao mesmo tempo na legislação operária, nas exigências económicas do nosso tempo, que os habitue a redigir circulares e relatórios, a estabelecer preços de venda, a conhecer uma contabilidade elementar, independente do conhecimento da composição das tintas, dos óleos e das côres, das propriedades dos ácidos de que se servem, das condições da força motriz a vapor ou pela electricidade, etc.

Mas a educação do gosto é feita pelos cursos de desenho, que os profissionais reputam notável. Por exemplo: o ensino do desenho em gesso, de esboços naturais, da planta, da flor, dos insectos, dos peixes, das conchas, etc. Estes cursos de desenho artistico e de documentação terminam no curso de composição decorativa e completam-se por um curso da história da arte e do livro, e, há alguns anos, pela história do desenho da letra. Os estilos dos diversos países e das diversas épocas são praticamente ensinados, com o auxilio de desenhos e de esboços, nos museus, ao mesmo tempo que os alunos aprendem a desenhar, em perspectiva, figuras, objectos, casas.

Tam cuidadosamente preparado, o curso de composição decorativa tem uma grande importância. Todos os estudos feitos têm ali a sua aplicação. Dêste curso devem sair todos os trabalhos que a seguir serão tènicamente executados nas oficinas da escola. É ali que os alunos melhor se preparam para aproveitar as lições de equilibrio, de harmonia, de construção, de carácter, que lhes são ministrados nos diversos cursos. É ali que êles têm ocasião de as aplicar e de fazer obra criadora, segundo os seus meios, que são ainda muito precários.

Quando se julguem os seus trabalhos, nunca se deve esquecer que são concebidos e realizados por rapazes de treze a dezassete anos, e que, quando entraram para a Escola Estienne, pouco sabiam desenhar e não tinham educação artistica. É, pois, difficil ensiná-los a ver, a sentir o carácter

dos seres e das cousas, a harmonia das côres e a expressão do desenho, despertando ao mesmo tempo o seu gôsto. E é muito mais difficil ainda obter dêles o menor esforço inventivo. A fôrça de paciência e de método, despertando-lhes a sensibilidade e a intelligência, interessando-os pela beleza das formas e das côres, alcança-se todavia êsse objectivo. Não se trata de fazer dêles artistas — tal é o fim de outras escolas — mas bons obreiros, aos quais uma educação técnica cuidada permita mais tarde realizar trabalhos delicados, não recear as ideas novas e manifestar o seu gôsto até nas puerilidades mais correntes da profissão.

A fim de desenvolver nêles o espirito de esforço e de observação, o professor deve esquecer o mais possível, no meio dos seus alunos e na própria obra, as suas ideas, as suas tendências. A sua personalidade de professor deve supplantar a sua personalidade de artista. Para ser um bom professor deve ter a abnegação de se resignar a um apagamento momentâneo: senão, os alunos, em lugar de reflectir e de procurar por si próprios, achariam mais cômodo imitar o professor. A extrema variedade das composições sôbre um tema dado é uma das melhores provas da qualidade do ensino recebido. Êste ensino tem sempre em vista a realização técnica por um dos officios do livro. Os cursos de desenho, sobretudo o de composição decorativa, são feitos com esta segunda intenção.

Todos os trabalhos da classe de composição decorativa são executados numa das oficinas da escola em que o aprendiz fixou a sua profissão. A satisfação do resultado é tanto maior do que a melhor composição; aquella que, por consequência, deve ser realizada é a obra dum aluno pertencendo à oficina em que a exêcutará. Assim, terá a satisfação de fazer êle próprio o seu desenho pelos meios técnicos de que tem o hábito, e o proveito resultará duplo.

Bem entendido, os técnicos têm voz no capitulo. Numa escola profissional deve haver, sob a vigilância do direc-

tor, uma colaboração estreita entre os professores de ensino teórico e os de ensino técnico. É necessário que todos os esforços convirjam para a mais confiante cordialidade.

COMO SE FORMAM OS BONS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DO LIVRO

Acontece por vezes que, por muito expressiva e muito harmoniosa, uma composição decorativa não se adapta rigorosamente às exigências e às tradições do ramo de indústria, graças ao qual ela receberá a sua realização. Nunca se innova sem o respeito das regras fundamentais de cada profissão, fora das quais nada há de viável. Sem contar que na prática raciocinada da sua profissão os técnicos escolhidos na *élite* da sua corporação podem também ter gosto e um gosto perfeitamente apropriado aos meios da sua profissão, que conhecem a fundo.

Ora os professores da Escola Estienne fazem parte desta *élite*. Todos foram livre e honestamente designados por concurso, por um júri composto de homens independentes, saídos das fileiras do industrialismo gráfico, numa cuidada selecção de competências técnicas que os impõem, inacessíveis às intrigas, insensíveis aos empenhos, só tendo em vista o bem da escola, isto é, o da sua indústria. Sendo ali que encontram os seus melhores operários para o futuro, não só eles, como os seus confrades da mesma profissão, têm todo o interesse em escolher entre os candidatos os que julguem com mais capacidade para formar operários úteis. Por isso os professores técnicos da Escola Estienne, nomeados com tais escrúpulos e tais garantias, são reputados na sua corporação e gozam duma estima que lhes dá muita autoridade.

O seu ensino alcança os melhores resultados por outra razão ainda: porque todos têm o orgulho e o amor das suas belas profissões.

Entre as ideias que orientam este ensino há três consideradas essenciais:

1.ª Não se pode innovar sem o inteiro conhecimento do passado e das regras da sua profissão.

2.ª Ensinando a fundo aos alunos as tradições como os princípios da sua profissão, deve-se acordar, manter e desenvolver nêles o desejo da observação, convencendo-os de que o espirito de rotina é o pior inimigo da indústria e do obreiro.

3.ª Não se farão prosperar as indústrias francesas do livro, e não se formarão bons operários, senão habituando os alunos a pôr no mais insignificante trabalho, humilde na aparência, como nos trabalhos mais importantes, atenção, gosto e cuidado de beleza.

Sem estas ideias, certamente bem elementares, a indústria francesa perderia muito do seu prestígio e o obreiro francês a maior parte da sua superioridade.

O operário pode ser feliz no exercício da sua profissão, inspirandô-se somente nestas ideias. Por primordial que se nos apresente a questão do salário, isso não basta. Para usufruir os meios de subsistência só se pode fazê-lo com satisfação espiritual numa profissão de que se goste, de que nos orgulhemos, que nos interesse. Ora não se gosta de uma profissão e pouco ela nos poderá interessar se não se possuir a fundo, mesmo nas mais pequenas cousas, uma obra um quási nada pessoal. E só se está orgulhoso de a praticar se se tem o sentimento de lhe imprimir gosto e um constante cuidado de beleza.

Uma das mais graves imperfeições da Escola Estienne foi, durante alguns anos, o material de várias oficinas. Vestido, insufficientemente renovado segundo as necessidades do dia, estava muito longe do que exige a produção moderna nas oficinas onde se colocam os antigos alunos, e tanto essa situação era desfavorável que imediatamente preocupou o director no princípio do ano escolar de 1913-1914, quando se viu à frente da escola, com o propósito de a remediar pouco a pouco por um programa de compras anuais. Nesta época as máquinas de que se carecia não custavam muito caras. Não era impossível adqui-

rir cada ano uma ou duas com os créditos regularmente postos à disposição da escola. E para as mais importantes tinha-se o direito de esperar que o Conselho Municipal de Paris não recusasse as verbas necessárias para a sua aquisição. Houve apenas o tempo de fazer instalar a mais urgente destas máquinas. A eclosão da guerra interrompeu naturalmente a realização d'êste programa. Durante toda a sua duração e nos primeiros meses que se lhe seguiram não se podia racionalmente pensar na menor despesa que não fôsse a salvação da França e a vitória libertadora.

Logo em 1920, porém, vozes autorizadas pediram à cidade de Paris um renovamento indispensável. Os representantes dos industriais do livro, que, naquele momento, na crise crescente da aprendizagem, se agruparam cada vez mais numerosos e activos em tôrno da escola, ao mesmo tempo que os delegados da Federação dos Trabalhadores do Livro e a associação dos antigos alunos de Estienne se interessavam com um zêlo acrescido pelos seus esforços, sustentaram enèrgicamente êste pedido.

Surgiu a engenhosa idea de aplicar os flexiveis e práticos métodos industriais à gestão duma escola submetida aos regulamentos administrativos. Criou-se então um crédito de 300:000 francos, pago em três exercicios, para substituição da maquinaria, e inscreveu-se no orçamento da Câmara Municipal de Paris a verba anual de 50:000 francos, posta à disposição da comissão do material da Escola Estienne, para que êste material de futuro estivesse em estado de corresponder às necessidades da indústria gráfica.

O resumo dos esforços levados a efeito pela Escola Estienne seria incompleto se não recordássemos os serviços que ela presta ainda com os seus cursos nocturnos, cuidadosamente estabelecidos e muito frequentados. Várias centenas de aprendizes e de operários inscrevem-se nos seus cursos de composição tipográfica, impressão tipográfica e litográfica, encadernação, *clichéria*-galvanoplástica, que funcionam regularmente desde a fundação da escola.

Para corresponder às necessidades modernas da indústria criaram-se novos cursos nocturnos. Muito interessantes, acompanhados de projecções que lhes dão um vivo atractivo, muito-bem feitas por artistas e um reputado sábio, que aliam a essas qualidades a de excelentes professores, terão uma grande influência que só no futuro se poderá apreciar. É o curso de educação artística, confiado a M. Robert Bonfils, que, em muitos dos seus quadros, das suas gravuras em madeira, das suas composições decorativas realizadas pela tapeçaria, a cerâmica e a encadernação, conquistou um nome respeitado nas artes do livro.

O curso de esboços artisticos, tam útil aos obreiros de todas as profissões que querem procurar harmoniosas disposições, fazer publicidade linda e atraente, agradáveis coberturas de livros, é professado por M. E. A. Séguier, um dos mestres famosos da arte decorativa.

Tanto para os alunos dos cursos nocturnos como para os dos diurnos foi M. George Aurial, o desenhador do célebre carácter que tem o seu nome, o artista erudito, o escritor duma fantasia encantadora, quem se dignou encarregar do ensino da história e do desenho da letra. Muitas incoerências audaciosas e ilegíveis, entre as quais vivemos, provam quanto tal ensino é necessário.

Emfim, um curso teórico de fotogravura, destinado a completar a instrução exclusivamente prática de muitos operários desta profissão, é dirigido por M. Clerc, especialista nestes assuntos, e cuja autoridade é reconhecida por toda a gente.

Eis as bases scientificas em que assenta o ensino das artes decorativas na Escola Estienne, só nos restando dizer que a nossa visita às varias oficinas coincidiu com as horas de descanso das escolas teóricas, tendo ocasião de verificar que uma aluvião de pequenos futuros operários gráficos invade as diferentes oficinas para ver praticamente a execução dos vários trabalhos e escolher qual a profissão que mais os encanta, que mais agrada à sua sensibilidade e que é mais consentânea com as suas qualidades

psíquicas. Ali, os alunos dos cursos teóricos não são expressamente destinados a esta ou àquela profissão. São eles que voluntariamente escolhem as que mais agradam aos seus sentidos.

Os alunos tipógrafos que terminam os seus cursos estabeleceram uma publicação essencialmente técnica, *Les Typographes d'Estienne*, onde, a par de alguns dos seus melhores trabalhos por eles concebidos e executados, publicam vários artigos exemplificativos da execução desses trabalhos.

Em 1925 publicou a Escola Estienne, com destino á Exposição das Artes Decorativas, um grosso volume contendo os melhores trabalhos executados pelos seus alunos, de que se tiraram apenas 200 exemplares, devendo nós á muita amabilidade e gentileza do seu director, M. George Lecomte, a oferta dum exemplar destinado á Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa. É um volume digno de ser visto por todos os que se consagram á arte de imprimir.

A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL OU
A ESCOLHA LIVRE DE UMA PRO-
FISSÃO

A orientação profissional foi assim definida por M. Mauvezin: a *escolha esclarecida, mas livre, de uma profissão*.

A orientação profissional consiste, pois, em procurar para cada individuo a occupação que melhor se adapte ás suas faculdades, e lhe forneça um melhor rendimento, constituindo ao mesmo tempo maior utilidade para o interesse geral, a par de vantagens materiais indispensáveis e de satisfações morais.

Noutros tempos, e ainda hoje nos países que se arrastam afastados da civilização, as crianças eram atiradas para qualquer profissão, sem se inquirir das suas qualidades físicas, intellectuais e morais.

Um grande industrial, professor da Escola Central das Artes e Manufacturas de Bordeaux, assinalava a seguinte lei que a sua longa prática lhe tinha permitido estabelecer e verificar: de entre 100 pessoas exercendo uma profissão, duas ou três exercem-na duma maneira notável, 20 exercem-na duma maneira média e todos as outras melhor avisadas andariam escolhendo outra profissão, daí se inferindo que 75 por cento pelo menos dos que lutam pela existência estão deslocados nas profissões que adoptaram, por falta de orientação.

Vejamos quais as tristes conseqüências a que muitas vezes conduz a falta de orientação profissional. Reportamo-nos às cifras publicadas por M. Frois. Numa região industrial normalmente organizada sob o ponto de vista dos accidentes do trabalho, sôbre 100 accidentes mortais, contam-se:

- 25 devidos a causas fortuitas;
- 32 devidos a proteções insufficientes respeitantes aos trabalhos a executar;
- 43 tendo por verdadeira origem má adaptação do operário ao trabalho que executava.

Estes 43 últimos casos dividem-se assim:

- 10 provenientes de accidentes sobrevindos a operários *não qualificados tècnicamente* e cuja morte foi devida a manobras erradas;
- 15 sobrevindos a operários que *psicològicamente não deveriam ser occupados nos lugares onde estavam*;
- 18 sobrevindos a operários *cujas faculdades psíquicas não correspondiam às exigências dos trabalhos a seu cargo.*

Como a estes 43 mal adaptados se poderá naturalmente acrescentar um certo número dos 25 e dos 32 por cento já citados, pode afoitamente dizer-se que, entre os 100 operários objecto destes accidentes mortais, metade pelo menos não tinha recebido a orientação profissional que se lhe deveria dar.

Mas reflitamos na forma como se faz a escolha duma profissão. ¿Que método preside a esta decisão? Nenhum,

na maioria dos casos. É o acaso, são indicações vagas de um amigo, de um vizinho, de um conhecido, que decidem da vocação de um debutante. Raros são os casos em que as crianças são guiadas e aconselhadas na escolha de uma profissão.

Todas as crianças nascem com um lote de qualidades físicas, intelectuais e morais. Estas faculdades innatas desenvolvem-se por vezes favoravelmente pela educação; outras vezes atrofiam-se. Mas, hereditárias ou adquiridas, elas dão resultantes que é bastante fácil estabelecer no decurso da escolaridade. A experiência ensina-nos que o homem está na criança, e que é possível, partindo-se das características da criança, formar-se uma opinião do que será o homem na idade madura. Uma criança robusta tem grandes probabilidades de manter a robustez; uma criança nervosa manter-se há nervosa; uma criança estúpida conservará a estupidez; uma criança inteligente não será um adulto inepto; uma criança miope nunca terá uma vista aguda; uma criança daltoniana nunca distinguirá com exactidão as côres.

O exame das aptidões da criança permite determinar qual o sentido em que a sua actividade melhor poderá orientar-se. No caso em que houver tendência para desvios, alguns conselhos oportunos podem útilmente torná-lo atento aos perigos que esse desvio possa ocasionar.

Apesar de ainda pouco vulgarizada em relação aos milhões de indivíduos que no mundo se dedicam ao trabalho, a orientação profissional já se adopta em alguns grandes centros industriais. Em Bordeaux e alguns outros centros da França e da Bélgica criaram-se institutos de orientação profissional, que já prestaram grandes serviços e evitaram muitos erros. Quando da nossa visita ao Instituto de Bordeaux, superiormente dirigido por M. Mauvezin, o primeiro divulgador da orientação profissional em França, assistimos a um inquérito feito a um rapaz de 14 anos, que queria abraçar a profissão do comércio, de contabilidade. Da rápida observação concluiu-se que o rapaz não podia consa-

grar-se à contabilidade comercial, por a sua fraqueza visual não lhe permitir trabalhar mais de duas horas na profissão que escolhera. Ficou estabelecido que seguisse o comércio de vendas a retalho de objectos volumosos, como por exemplo mobiliário, sendo-lhe passada uma guia do instituto, subscrita pelo professor que o observou, e que será acatada em toda a parte pela autoridade moral de que está revestido aquele organismo. Nêle não influem patrões, nem operários, nem o próprio Estado. Tem uma vida independente, que o prestigia e o coloca ao abrigo de suspeições. E tam vulgarizado e acreditado já se encontra em Bordeaux o Instituto de Orientação Profissional, que muitos pais o procuram para inquirir das faculdades naturais dos filhos para a escolha de uma profissão.

A orientação profissional deve exercer-se com simplicidade — diz ainda M. Mauvezin — sem métodos complicados, e poucos resultados trará se os métodos empregados não são suficientemente simples para ser compreendidos pelos interessados, pais e filhos, tutores e tutelados. Por mais sábios meios de investigação que se utilizem, por mais perfeitos que se imaginem, se a família não ficar convencida dos resultados finais e escolher para a criança uma profissão diferente da que lhe foi aconselhada, poder-se há dizer que o orientador, qualquer que seja, perdeu simplesmente o seu tempo.

A orientação profissional deveria exercer-se nas escolas primárias, cujos professores, em constante contacto com os alunos, melhor podem observar as suas qualidades físicas, intellectuais e morais. Só o professor pode conhecer perfeitamente a criança. Em primeiro lugar porque os seus estudos na Escola Normal lhe ensinaram a pedagogia. Em seguida porque o laboratório vivo, que é a escola, lhe permite todas as comparações. As exigências das profissões são muito pouco comparadas com os conhecimentos das crianças. O professor conhece a criança, a sua família, o seu meio: é a êle que de futuro parece estar destinada a missão da orientação profissional dos aprendizes. O ma-

terial preciso para as primeiras exigências é facilimo de adquirir:

Um quadro optométrico dos Drs. Fromaget e Ginesioux (acuidade visual);

Um quadro para pesquisa dos daltonianos, destriça das côres (método de Holmgreen);

Um relógio de algibeira para medir a acuidade auditiva;

Um volume da *Rose des Métiers*¹ com as monografias das características e aptidões exigidas para cada profissão.

Consultando as monografias das várias profissões, as crianças, auxiliadas pelos seus pais e aconselhadas pelo professor e pelo médico, encontrarão as profissões que lhes convêm. É recomendável que a escolha da profissão se faça dos 10 aos 11 anos de idade. Desde que a escolha esteja realizada, ver-se há a criança instruir-se numa quantidade de detalhes, que poderão ser-lhe aproveitáveis mais tarde no exercicio da sua profissão. Observará desde então a vida e o mundo com olhos mais perspicazes; o seu espirito despertará sôbre numerosos assuntos tendo relações directas com o ramo no qual será de futuro chamado a trabalhar. E quando a prática da profissão fôr abordada, tendo a criança adquirido no decurso do prévio estágio um pouco de mentalidade especial à sua nova actividade, dará sem dúvida melhores resultados. Será possivel numa época próxima ver numerosas crianças de 12 ou 13 anos, entrando na escola para um novo ano de estudo e sabendo já, depois de uma escolha maduramente reflectida, a profissão que contam abraçar no dia em que sairem da escola. A escolha de um patrão é todavia difficil. São raras as oficinas onde as crianças fazem uma aprendizagem séria e metódica. Os pais devem rodear-se por isso de todas as cautelas, colhendo informações.

¹ *Rose des Métiers*, edição popular, para a Orientação Profissional dos Rapazes para as profissões da madeira, do ferro, da construção, da electricidade, da imprensa, comerciais, etc., etc., por M. P. Mauvezin. Bordeaux. S. d. S.^o (236 pp.).

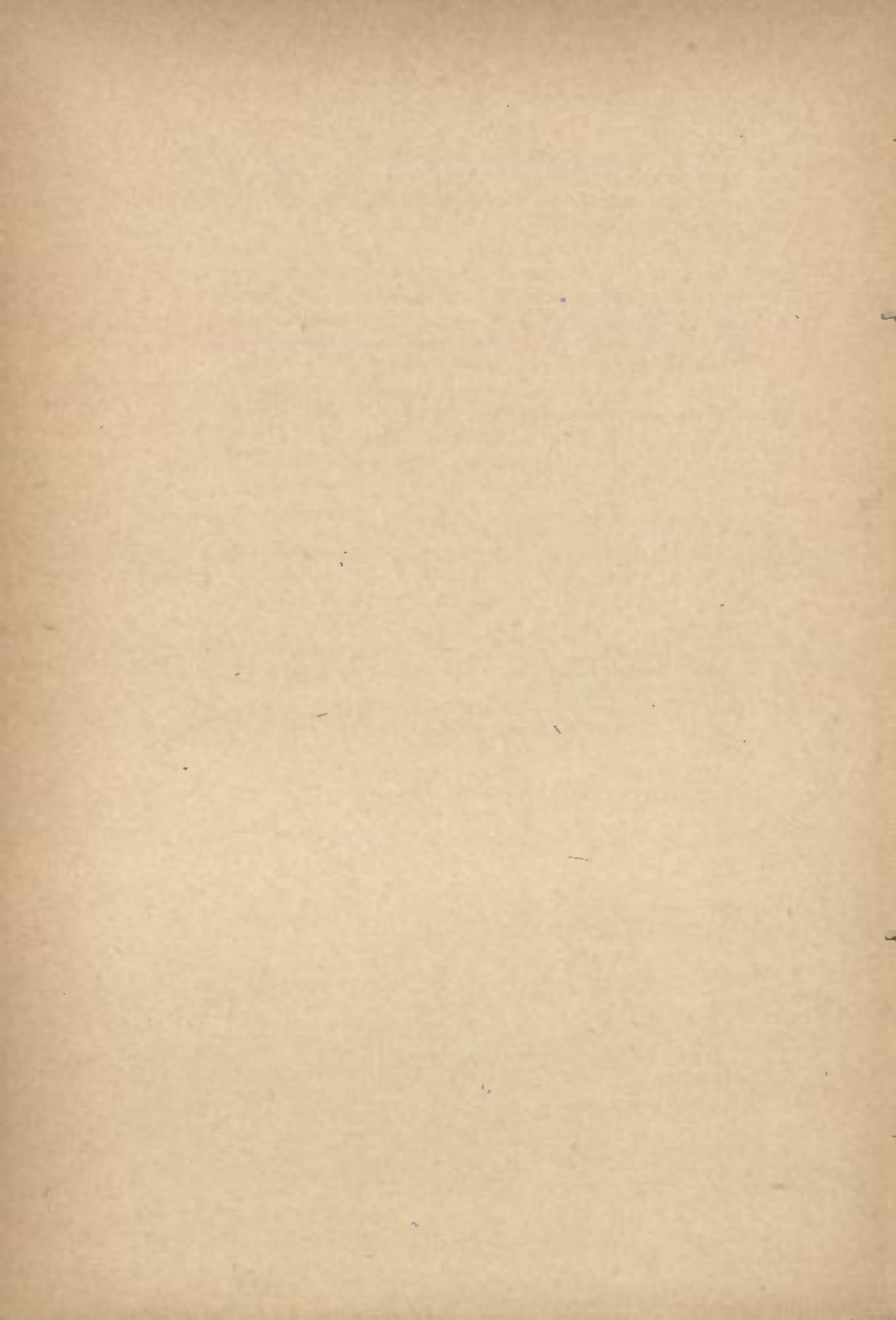


Outro aspecto da sala «António José de Almeida» da Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa

A aprendizagem sem fiscalização é muitas vezes um lôgro. Se a criança encontra um bom patrão, aprende a sua profissão. Mas, se encontra um mau patrão, perde o seu tempo. É uma questão de lotaria. Para muitos patrões um aprendiz é um rapaz de 13 a 14 anos, tendo duas pernas, dois braços, uma cabeça, não se preocupando de saber se essas pernas são sólidas, se êsses braços e as mãos que os completam são dextros, se essa cabeça é inteligente, se os olhos vêem bem, se os ouvidos ouvem nitidamente. Pede-se um aprendiz. Nenhuma especificação acompanha esta fórmula e muitas vezes um patrão, tomando um aprendiz, apenas procura obter mão-de-obra mais barata.

Mas é longo e vasto êste assunto, que só por si daria matéria mais que suficiente para uma página — falada ou escrita. Nos pontos restritos em que o focámos apenas tivemos em vista realçar as vantagens da orientação profissional, cuja vulgarização num futuro breve colocará cada individuo no seu lugar. Não mais haverá inadaptaíveis, mas individuos que abraçarão as profissões que os atraíam e às quais se adaptem as suas aptidões, quer físicas, quer intellectuais, quer morais.

Da *Rose des Métiers* extraímos a seguir as monografias de algumas profissões da arte de imprimir.



COMPOSITOR TIPOGRÁFICO MANUAL

Profissão que se pratica de pé. O tipógrafo manual reúne as letras, constituindo assim palavras, quer para trabalhos de livreria ou de jornais, quer para trabalhos comerciais, como facturas, circulares, etc., programas, compreendendo texto e uma ornamentação por meio de vinhetas obtidas pelos processos da fundição ou da gravura. Indispensável saber ler muito bem manuscritos. Não deve ter tremor das mãos. Antes das refeições é indispensável lavar cuidadosamente as mãos. É absolutamente recomendado o exame da vista por um médico oculista.

CARACTERÍSTICAS & APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em <i>Itálico</i> são indispensáveis. As predisposições e afeções indicadas em <i>Itálico</i> são redibitórias.
Estetira	Média.
Fôrça	<i>Pelo menos média.</i>
Saúde	<i>Boa.</i>
Polmões	<i>Em bom estado.</i>
Visão	<i>Boa dos dois olhos; vista normal</i> compatível com o uso de lentes.
Deftonismo	Pouco importante.
Andiçaõ	Média.
Vertigem	Indiferente.
Hérnia	<i>Ausência de hérnia ou de predisposições.</i>
Varizes	<i>Ausência de varizes ou de predisposições.</i>
Transpiração forte das mãos	Importuno.
Freiras graves nas mãos	<i>Ausência de freiras graves nas mãos.</i>
Agilidade, sangue frio	Alguma agilidade.
Atenção, tenacidade	<i>Atenção constante, perseverança.</i>
Observação, memória	<i>Espírito de observação, muita memória.</i>
Golpe de vista	<i>Golpe de vista rápido e vivo.</i>
Destreza manual	<i>Destreza das mãos e dos dedos. Rapidez dos movimentos.</i>
Sentido artístico	<i>Sentido da composição.</i>
Propósitos, manelras	Pouco importante.
Ordem, cuidados	<i>Muita ordem e cuidados.</i>
Calligrafia	Pouco importante.
Ortografia, redacção	<i>Muito boa ortografia. Boa redacção.</i>
Cálculo	Cálculo mental rápido.
Geometria	Noções.
Desenho linear	<i>Boas disposições.</i>
Desenho ornamental	<i>Boas disposições.</i>
Instrução	<i>7 ano de estudo além de instrução primária.</i>
Comêço da aprendizagem	14 a 15 anos.
Duração da aprendizagem	3 a 4 anos.

LINOTIPISTA

Profissão que se pratica sentado. O linotipista deve vigiar não só as matrizes dos caracteres como a fundição que se opera ao mesmo tempo e pela mesma máquina. Esta profissão exige, além de conhecimentos de mecânica, uma atenção constante e aptidão na leitura de manuscritos. É absolutamente recomendado o exame da vista por um médico oculista. Antes das refeições é indispensável lavar cuidadosamente os mãos.

CARACTERÍSTICAS & APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em Itálico são indispensáveis. As predisposições e afeições indicadas em Itálico são redibitórias.
Estatura	Média.
Fôrça	Média.
Sadida	Boa.
Pulmões	<i>Em bom estado.</i>
Visão	<i>Boa dos dois olhos; vista normal, compatível com o uso de lentes.</i>
Daltismo	Pouco importante.
Adição	<i>Boa; ouvido muito apurado; tímpanos em bom estado.</i>
Vertigem	Indiferente.
Hérnia	Pouco importante.
Varizes	Pouco importante.
Transpiração forte das mãos	Pouco importante.
Frieiras graves nas mãos	<i>Ausência de frieiras graves nas mãos.</i>
Agilidade, sangue frio	Agilidade.
Atenção, tenacidade	<i>Atenção constante.</i>
Observação, memória	<i>Grande sentido de observação; boa memória.</i>
Golpe da vista	<i>Golpe de vista rápido.</i>
Destreza manual	<i>Flexibilidade e destreza dos dedos.</i>
Saúdo artístico	Pouco importante.
Propósitos, manelras	Bons propósitos.
Ordem, cuidados	<i>Boa ordem e cuidados.</i>
Calligrafia	Pouco importante.
Ortografia, redacção	<i>Muito bom em ortografia; bom em redacção.</i>
Cálculo	<i>Bom em calculo mental.</i>
Geometria	Pouco importante.
Desenho linear	Pouco importante.
Desenho ornamental	Indiferente.
Instrução	<i>Curso de ensino primário superior ou equivalente.</i>
Comêço da aprendizagem	<i>16 anos, devendo antes fazer um ano de aprendizagem tipográfica manual.</i>
Duração da aprendizagem	<i>1 ano, depois de um ano de aprendizagem tipográfica manual.</i>

FUNDIDOR MONOTIPISTA OU DE CARACTERES

A monografia que segue é a do fundidor de caracteres (máquina monótipo), que tem a seu cargo a vigilância de um ou variosapparelhos muito complicados que fundem e compõem mecnicamente caracteres de imprimir. Esta profissão pratica-se de pé. É indispensável um grande conhecimento da mecânica. Antes das refeições é absolutamente recomendado lavar cuidadosamente as mãos.

O fundidor ordinário de caracteres deve ter as mesmas aptidões, mas em menor grau.

CARACTERÍSTICAS & APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em <i>Itálico</i> são indispensáveis. As predisposições e afecções indicadas em <i>Itálico</i> são reabilitáveis.
Eslatura	Méda de preferência.
Fórça	Pelo menos média.
Saúde	<i>Muito boa.</i>
Pulmões	<i>Sólidos.</i>
Visão	<i>Muito boa acuidade visual dos dois olhos, compativel com o uso de lentes.</i>
Daltonismo	Indiferente.
Audição	<i>Muito boa dos dois ouvidos; tímpanos resistentes.</i>
Vertigem	Pouco importante.
Hérnia	Pouco importante.
Varizes	<i>Auséncia de varizes ou de predisposições.</i>
Transpiração forte nas mãos	Pouco importante.
Frieiras graves des mãos	<i>Auséncia de frieiras graves; pele em bom estado.</i>
Agilidade, sangue frio	Agilidade.
Atenção, tenacidade	<i>Atenção mantida.</i>
Observação, memória	<i>Sentido de observação.</i>
Golpe de vista	<i>Golpe de vista.</i>
Destreza manual	<i>Destreza das mãos e dos dedos.</i>
Sentido artístico	Pouco importante.
Propósitos, manelras	Indiferente.
Ordem, cuidados	<i>Ordem, cuidados.</i>
Calligrafia	Indiferente.
Ortografia, redacção	Pouco importante.
Cálculo	Indiferente.
Geometria	Indiferente.
Desenho linear	<i>Noções apreciáveis.</i>
Desenho ornamental	Indiferente.
Instrução	Certificado de estudos primários.
Comêço da aprendizagem	14 anos.
Duração da aprendizagem	3 anos.

IMPRESSOR TIPOGRÁFICO (CONDUTOR)

O impressor tipográfico imprime em máquinas os caracteres reunidos pelo tipógrafo. Esta profissão pratica-se de pé com bastantes movimentos. Noções de composição tipográfica, de física, de química. Conhecimentos de mecânica necessários. Útil aprender a conhecer os papéis e as tintas. Antes das refeições é absolutamente recomendável lavar cuidadosamente os mãos.

CARACTERÍSTICAS & APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em <i>Itálico</i> são indispensáveis. As predisposições e afecções indicadas em <i>Itálico</i> são redhíbitas.
Estatura	<i>Pelo menos média.</i>
Fôrça	<i>Mais que média.</i>
Saúde	<i>Boa.</i>
Pulmões	Pouco importante.
Visão	<i>Boa acuidade visual dos dois olhos, compatível com o uso de lentes.</i>
Daltonismo	<i>Ausência de daltonismo.</i>
Audição	<i>Boa dos dois ouvidos.</i>
Vertigem	<i>Ausência de vertigens.</i>
Hérnia	<i>Ausência de hernia ou de predisposições.</i>
Varizes	<i>Ausência de varizes ou de predisposições.</i>
Transpiração forte das mãos	<i>Ausência de transpiração forte das mãos.</i>
Frieiras graves nas mãos	<i>Ausência de frieiras graves; pele em bom estado.</i>
Agilidade, sangue frio	<i>Agilidade.</i>
Atenção, tenacidade	Atenção, perseverança.
Observação, memória	<i>Muito espirito de observação.</i>
Golpe de vista	<i>Golpe de vista rápido.</i>
Destreza manual	<i>Destreza dos braços e dos dedos.</i>
Sentido artístico	<i>Sentido das cores, gosto.</i>
Propósitos, manelras	Indiferente.
Ordem, cuidados	<i>Muita ordem e cuidados.</i>
Calligrafia	Indiferente.
Ortografia, redacção	Indiferente.
Cálculo	Pouco importante.
Geometria	Noções.
Desenho linear	<i>Boas disposições.</i>
Desenho ornamental	Pouco importante.
Instrução	<i>Certificado de estudos primários.</i>
Comêço da aprendizagem	14 anos.
Duração da aprendizagem	4 a 5 anos.

IMPRESSOR LITOGRAFICO (CONDUTOR)

O impressor litográfico imprime mecânicamente numa ou várias côres estampas, reclaims, etiquetas, cartazes, etc., cujo desenho foi decalcado na pedra. Esta profissão pratica-se de pé, com bastantes movimentos. Noções de mecânica, de física, de química. Indispensável aprender a conhecer os papéis, as tintas, as côres. Antes das refeições é absolutamente recomendável lavar cuidadosamente as mãos.

CARACTERÍSTICAS & APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em <i>Itálico</i> são Indispensáveis. As predisposições a afecções indicadas em <i>Itálico</i> não redibitórias.
Estatura	<i>Maior que a média.</i>
Fôrça	<i>Pelo menos média.</i>
Saúde	<i>Boa.</i>
Pulmões	Pouco importante.
Visão	<i>Boa dos dois olhos, compatível com o uso de lentes.</i>
Daltonismo	<i>Ausência de daltonismo.</i>
Audição	Boa dos dois ouvidos.
Vertigem	Indiferente.
Hérnia	Ausência de hérnia ou de predisposições.
Varizes	Ausência de varizes ou de predisposições.
Transpiração forte das mãos	<i>Ausência de transpiração forte das mãos.</i>
Frieiras graves nas mãos	<i>Ausência de frieiras graves, pele em bom estado.</i>
Agilidade, sangue frio	Pouco importante.
Atenção, tenacidade	Atenção.
Observação, memória	<i>Muita observação.</i>
Golpe de vista	Golpe de vista rápido.
Destreza manual	Destreza dos braços e dos dedos.
Sentido artístico	<i>Grande sentido das côres.</i>
Propósitos, maneiros	Indiferente.
Ordem, cuidados	Muita ordem e cuidados.
Calligrafia	Indiferente.
Ortografia, redacção	Indiferente.
Cálculo	Pouco importante.
Geometria	Pouco importante.
Desenho linear	Pouco importante.
Desenho ornamental	Pouco importante.
Instrução	<i>Certificado de estudos primários.</i>
Comêço da aprendizagem	14 anos.
Duração da aprendizagem	4 anos.

TRANSPORTADOR LITOGRAFICO

O transportador litográfico decalca sobre a pedra que deve servir à impressão o trabalho do desenhador ou do tipógrafo e tira provas a uma ou varias cores. Esta profissão pratica-se de pé. Deve ter noções de química e de física. Antes das refeições é absolutamente recomendado lavar cuidadosamente as mãos.

CARACTERÍSTICAS & APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em itálico são indispensáveis. As predisposições e afecções indicadas em itálico são redibitórias.
Estatura	<i>Pelo menos media.</i>
Fôrça	<i>Mais que media.</i>
Saúde	<i>Boa.</i>
Prêmios	<i>Em bom estado.</i>
Visão	<i>Boa dos dois olhos, compatível com o uso de lentes.</i>
Daltonismo	<i>Ausência de daltonismo.</i>
Audição	Pouco importante.
Vertigem	Indiferente.
Hérnia	<i>Ausência de hérnia ou de predisposições.</i>
Varizes	<i>Ausência de varizes ou de predisposições.</i>
Transpiração forte das mãos	<i>Ausência de transpiração forte das mãos.</i>
Frieiras graves nas mãos	<i>Ausência de frieiras; pele em bom estado.</i>
Agilidade, sangue frio	Agilidade.
Atenção, tenacidade	Atenção.
Observação, memória	<i>Grande sentido de observação.</i>
Golpe de vista	Pouco importante.
Destreza manual	Alguma destreza manual.
Sentido artístico	<i>Sentido das cores e da composição.</i>
Propósitos, manelras	Indiferente.
Ordem, cuidados	<i>Muita ordem e cuidados.</i>
Calligrafia	Indiferente.
Ortografia, redacção	<i>Boa ortografia.</i>
Cálculo	Pouco importante.
Geometria	Noções.
Dosonho linear	<i>Muito boas disposições.</i>
Desenho ornamental	Pouco importante.
instrução	<i>Certificado de estudos primários.</i>
Comêço da aprendizagem	14 anos.
Duração da aprendizagem	4 anos.

DESENHADOR LITOGRAFICO (EM PRETO E CROMISTA)

O desenhador litográfico executa na pedra à pena, com uma tinta espessa, trabalhos de publicidade ou de reclamo, cilquetas de todas as variedades, anúncios, estampas em cores (cartazes, calendários), destinados a serem impressos pelo impressor litográfico. Esta profissão exerce-se sentado. Só convém a temperamentos calmos. A aprendizagem é difícil. É absolutamente recomendado o exame da vista por um médico oculista.

CARACTERÍSTICAS À APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em itálico são indispensáveis. As predisposições e afeições indicadas em itálico são redibitórias.
Estatura	Pouco importante.
Fôrça	Pouco importante.
Saúde	Boa.
Pulmões	<i>Em bom estado.</i>
Visão	<i>Boa dos dois olhos; vista normal, compatível com o uso de lentes.</i>
Daltonismo	<i>Ausência de daltonismo.</i>
Audição	Pouco importante.
Vertigem	Indiferente.
Hérnia	Pouco importante.
Varizes	Indiferente.
Transpiração forte das mãos	Ausência de transpiração forte das mãos.
Frieiras graves nas mãos	Ausência de frieiras graves nas mãos.
Agilidade, sangue frio	Indiferente.
Atenção, tenacidade	<i>Atenção mantida; perseverança.</i>
Observação, memória	Espírito de observação.
Golpe de vista	Pouco importante.
Destreza manual	Destreza dos dedos.
Sentido artístico	<i>Grande sentido das cores e da composição.</i>
Propósitos, maneiras	Bons propósitos.
Ordem, cuidados	<i>Muitos cuidados.</i>
Calligrafia	Pouco importante.
Ortografia, redacção	Boa.
Cálculo	Indiferente.
Geometria	Pouco importante.
Desenho linear	<i>Muito boas disposições.</i>
Desenho ornamental	<i>Muito boas disposições.</i>
Instrução	1 ano além dos estudos primários.
Comêço da aprendizagem	14 anos.
Duração da aprendizagem	5 annos.

GRAVADOR (LITÓGRAFO, EM MADEIRA E EM METAL)

São três profissões diferentes, os que as praticam conservam-se sentados; compatíveis com freqüezas dos membros inferiores; só convém a temperamentos calmos. Aprendizagem longa e difícil. O gravador litógrafo grava textos ou desenhos em pedra litográfica para serem impressos em preto ou a cores. O gravador em madeira executa gravuras para jornais, illustrações, gravuras de modas para álbuns de grandes estabelecimentos comerciais, gravuras de máquinas para álbuns industriais, etc. O gravador em metal executa gravuras para catálogos de luxo, trabalhos comerciais, *ex libris*, bilhetes de visita, etc. Para estas três profissões é absolutamente recomendado o exame da vista por um médico oculista.

CARACTERÍSTICAS & APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em itálico são indispensáveis. As predisposições e afeções indicadas em itálico são redutórias.
Estatura	Pouco importante.
Fôrça	Pouco importante.
Saúde	Boa.
Pulmões	<i>Em bom estado.</i>
Visão	<i>Boa dos dois olhos; vista normal, compatível com o uso de lentes.</i>
Daltonismo	Ausência de daltonismo.
Audição	Pouco importante.
Vertigem	Indiferente.
Hérnia	Indiferente.
Varizes	Indiferente.
Transpiração forte das mãos	Ausência de transpiração forte das mãos.
Frieiras graves nas mãos	Ausência de frieiras graves nas mãos.
Agilidade, sangue frio	Indiferente.
Atenção, tenacidade	<i>Atenção constante, perseverança.</i>
Observação, memória	<i>Espírito de observação.</i>
Golpo de vista	Pouco importante.
Destroza manual	<i>Grande destreza das mãos e dos dedos.</i>
Sentido artístico	<i>Sentido artístico muito desenvolvido.</i>
Propósitos, maneiras	Boas propósitos, boas maneiras.
Ordem, cuidados	Muitos cuidados.
Caligrafia	Pouco importante.
Orthografia, redacção	Boa orthografia.
Cálculo	Indiferente.
Geometria	Indiferente.
Desenho linear	<i>Muito boas disposições.</i>
Desenho ornamental	<i>Muito boas disposições.</i>
Instrução	1 ano além dos estudos primários.
Comêço da aprendizagem	14 a 15 anos.
Duração da aprendizagem	5 anos.

FOTOGRAVADOR

O fotograrador concorre com o fotógrafo para fornecer ao impressor tipográfico os *clichés*, reproduções em relevo sobre metal, de um texto ou de um desenho. Noções de física e de química indispensáveis. Esta profissão pratica-se de pé e sentado. Só convém a temperamentos calmos. Ausência de afecções do fígado ou dos rins. É absolutamente recomendado o exame da vista por um médico oculista.

CARACTERÍSTICAS & APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em Itálico são indispensáveis. As predisposições e afecções indicadas em Itálico são redibitórias.
Eslatura	Pouco importante.
Fôrça	Indiferente.
Saúde	<i>Boa.</i>
Pulmões	<i>Pulmões e brônquios sólidos.</i>
Visão	<i>Boa dos dois olhos, mesmo em luz restrita; vista normal, compatível com o uso de lentes.</i>
Daltonismo	<i>Ausência de daltonismo.</i>
Audição	Pouco importante.
Variedade	Indiferente.
Hérnia	Indiferente.
Variz	Pouco importante.
Transpiração forte das mãos	<i>Ausência de transpiração forte das mãos.</i>
Frieiras graves nas mãos	<i>Ausência de frieiras; pele em bom estado.</i>
Agilidade, sangue frio	Indiferente.
Atenção, tenacidade	<i>Atenção constante.</i>
Observação, memória	<i>Espírito de observação.</i>
Golpe de vista	Golpe de vista rápido.
Destreza manual	Destreza dos braços, das mãos e dos dedos.
Sentido artístico	<i>Sentido artístico; muito gosto.</i>
Propósitos, manelras	Boas propósitos.
Ordem, cuidados	<i>Muitos cuidados.</i>
Calligrafia	Indiferente.
Ortografia, radacção	Pouco importante.
Cálculo	<i>Boas noções.</i>
Geometria	<i>Noções de geometria.</i>
Desenho linear	<i>Boas disposições.</i>
Desenho ornamental	<i>Boas disposições.</i>
Instrução	<i>Certificado de ensino primario superior ou equivalente.</i>
Comêço da aprendizagem	15 anos.
Duração da aprendizagem	4 a 5 anos.

ENCADERNADOR (INDUSTRIAL E ARTÍSTICO)

O encadernador reúne e cese as fôlhas que constituem um volume, encaixa a obra em cartão, forra e capta de papel, pano ou pele. Noções de dourar úteis. Esta profissão pratica-se de pé. A costura e costura das fôlhas são geralmente feitas por mulheres. O encadernador artístico deve adquirir uma cultura geral em matéria de arte.

CARACTERÍSTICAS & APTIDÕES	As aptidões e qualidades indicadas em <i>italico</i> são indispensáveis. As predisposições e afecções indicadas em <i>italico</i> são redibitórias.
Estatura	Pouco importante.
Fôrça	<i>Média, pelo menos.</i>
Saúde	Bom.
Pulmões	Indiferente.
Visão	<i>Boa dos dois olhos, compatível com o uso de lentes.</i>
Daltonismo	Ausência de daltonismo.
Audição	Pouco importante.
Vertigem	Indiferente.
Hérnia	Pouco importante.
Varizes	Ausência de varizes ou de predisposições.
Transpiração forte das mãos	<i>Ausência de transpiração forte das mãos.</i>
Frieiras graves nas mãos	Ausência de frieiras graves nas mãos.
Agilidade, sangue frio	Indiferente.
Atenção, tenacidade	<i>Atenção constante.</i>
Observação, memória	<i>Espírito de observação.</i>
Golpe de vista	Pouco importante.
Destreza manual	<i>Destreza dos braços, das mãos e dos dedos.</i>
Sentido artístico	<i>Sentido das formas e da composição.</i>
Propósitos, manelras	Pouco importante.
Ordem, cuidados	<i>Muita ordem e cuidados.</i>
Calligrafia	Indiferente.
Ortografia, redacção	Boa ortografia.
Cálculo	Indiferente.
Geometria	Indiferente.
Desenho linear	Boas disposições.
Desenho ornamental	Boas disposições.
Instrução	Certificado de estudos primários.
Tempo da aprendizagem	14 anos.
Duração da aprendizagem	3 a 4 anos.

AS BIBLIOTECAS MUNICIPAIS E PRO-
FISSIONAIS EM PARIS, BORDEAUX E
LYON

Além do estudo a que nos destinávamos interessava-nos também ver a organização das grandes bibliotecas, os seus processos de arrumação e de catalogação.

Em França as bibliotecas municipais não são submetidas a uma regulamentação uniforme. A iniciativa dos bibliotecários pode exercer-se com uma independência só limitada pela fiscalização dos *comités* e da Inspecção Geral. Dêste sistema resultam evidentemente vantagens e inconvenientes, que ocioso se torna aqui enumerar.

A catalogação obedece aos processos geralmente usados, havendo, no entanto, algumas bibliotecas onde o catálogo-dicionário, preconizado por M. Albert Cim, na sua obra *Le Livre*, vai já conquistando adeptos, por ser o catálogo mais expressivo e de fácil manuseamento por toda a gente.

Mas o curto espaço de tempo de que dispúnhamos, quasi todo absorvido pelo principal objectivo da nossa viagem, o estudo dos progressos da arte do livro, limitou a nossa acção a uma visita rápida e de superficial análise às bibliotecas municipais.

A Biblioteca Nacional de Paris¹ é sem dúvida a mais rica biblioteca do mundo. O vasto edificio comprehende,

A Biblioteca Nacional de Paris, herdeira directa das bibliotecas dos reis de França, que sempre se esforçaram por reunir livros que se dispersavam depois da sua morte, é de origem muito antiga. Foi Carlos V quem primeiro reuniu no Louvre, num depósito especial, um certo número de volumes (910 segundo o inventário feito em 1373). Depois da sua morte a biblioteca foi saqueada. Durante o domínio inglês, o duque de Bedford, regente do reino, comprou o que restava por vil preço e fez conduzir tudo para Inglaterra. Luis XI reconstituiu a biblioteca do Louvre. Luis XII (1575), que se pode considerar o fundador da actual biblioteca, transportou do seu castello de Blois os livros do seu predecessor, Carlos VIII, e augmentou o fundo da biblioteca. Francisco I instalou-a no palácio de Fontainebleau, cuja administração confiou a Guilherme Budé, ao qual succedeu Pierre Duchâtel. Foi então enriquecida de numerosos manuscritos gregos, latinos e

além de uma nova construção, cuja fachada dá para a rua des Petits-Champs, outras de diferentes épocas, estendendo-se entre as ruas des Petits-Champs, Richelieu, Colbert e Vivienne. A biblioteca conta hoje mais de 4.000.000 volumes impressos, 2.500.000 estampas e 300.000 medalhas e moedas. O seu catálogo, que vai até a palavra «Jerzykouski», compreende já 77 tomos.

A sala de leitura comporta 344 lugares para leitores, que têm ao seu alcance nas estantes mais de 10:000 volumes (dicionários, colecções de consulta, etc.). A seguir encontra-se o depósito central, que contém um terço aproximadamente dos livros da biblioteca (mais de um milhão de volumes).

A sala de trabalho dos manuscritos compreende as seguintes colecções: 27:000 volumes de línguas orientais, 5:000 gregos, 21:700 latinos, 60:000 franceses, 4:200 de diversas línguas modernas, num total de 121:000 volumes manuscritos, dos quais talvez 10:000 são enriquecidos de miniaturas, ornadas de vinhetas ou de letras pintadas.

A galeria Mazarine compõe-se duma pequena sala e de uma galeria, e encerra uma exposição pública de encadernações e de *fac-similes* dos mais notáveis manuscritos. No extremo desta galeria encontram-se as salas de geografia, que conservam os tetos de Simon Vouet e esculturas do século XVIII. As colecções geográficas compreendem apró-

orientais e de outros preciosos volumes. Henrique IV, em 1596, dotou-a de 800 manuscritos, que herdara de Catarina de Médici, e fez transportá-los do Colégio de Clermont, no Mont de Santa Genoveva, para Paris. A biblioteca foi em seguida transferida para o convento dos Cordeliers, depois rua da Harpe, e, em 1666, rua de Vivienne. O reinado de Luís XIV foi notável para a biblioteca por numerosas aquisições e por importantes doações (coleções de J. Dupuy, de Gaston d'Orléans, de Béthune, de Belin, do abade de Marolles, de Blot, de Duchesne, de Gaignières e uma parte dos livros e manuscritos de Mazarine). O reinado de Luís XV não lhe foi menos favorável, pois foi acrescida de perto de vinte coleções notáveis: coleção genealógica formada por Charles d'Hozier, as coleções de Delamare, Baluze, abade de Saint-Marcial de Limoges, Cungé, Lancelot, Ponjauleu e sobretudo Colbert. Em 1721 a biblioteca foi transferida para a rua de Richelieu, onde hoje se encontra. Por ocasião da Revolução, a supressão dos estabelecimentos religiosos fez entrar nos seus depósitos uma multidão de coleções preciosas formadas e conservadas até então pelos capítulos e conventos, devendo salientar-se mais de 6000 volumes manuscritos provenientes da abadia de Saint-Germain-des-Prés.

ximadamente 300:000 cartas. Esta biblioteca possui ricas encadernações com as armas dos reis de França.

A biblioteca de Sainte-Geneviève deve a sua origem à célebre abadia dos Gênovêfains. Conta cerca de 480:000 volumes, dos quais 4:000 manuscritos e 30:000 estampas. Citaremos, entre as suas principais coleções, o fundo único de teologia, católico e protestante; a série de impressões do século xv; a dos Aldos e dos Elzevires, magníficas edições italianas dos séculos xv e xvi; uma preciosa coleção das Imitações de Jesus Cristo; encadernações do século xvi, executadas pelos célebres amadores Maioli, Grolier, Canevarius, com as armas de Henrique II, Henrique III, Catarina de Médicis, Luis XIII, Luis XIV, Luis XV, Maria-Antonieta, Filipe II de Espanha, etc. Algumas destas encadernações saíram das oficinas de Eve, de Le Gascon, de Pasdeloup e de Derome. Entre os mais preciosos manuscritos iluminados devem citar-se a *Biblia* inglesa copiada no século xii, por Mañerius, as *Crônicas de Saint-Denis*, do fim do século xii, um *Pontifical*, de Bourges, do século xiv, um Tito Livio proveniente da biblioteca de Carlos V, etc. A grande sala de leitura da biblioteca contém 420 lugares.

A biblioteca do Arsenal foi fundada pelo marquês de Paulmy d'Argenson. Em 1875 foi comprada pelo conde d'Artois, que lhe reuniu uma parte da célebre biblioteca do duque de La Vallière. Encerra 11:436 manuscritos, 735:000 volumes impressos e um número aproximado de 120:000 estampas. Possui uma incomparável série de manuscritos com miniaturas, que constitui a sua principal atracção, os papéis da Bastilha, a coleção mais completa de todas as obras dramáticas desde a origem do teatro em França, etc. Entre as raridades assinala-se o *Psaltério* de St. Louis, o *Renaud de Montauban*, as *Horas do Maître-aux-Fleurs*, uma coleção avultada de incunábulo, diversas encadernações únicas, etc.

Muitas outras bibliotecas existem em Paris, mas estas três são as mais dignas de ser visitadas, pelas raridades

que possuem e pelas maravilhosas riquezas que encerram não só em livros, mas também em quadros dos mais célebres pintores e outras espécies artísticas.

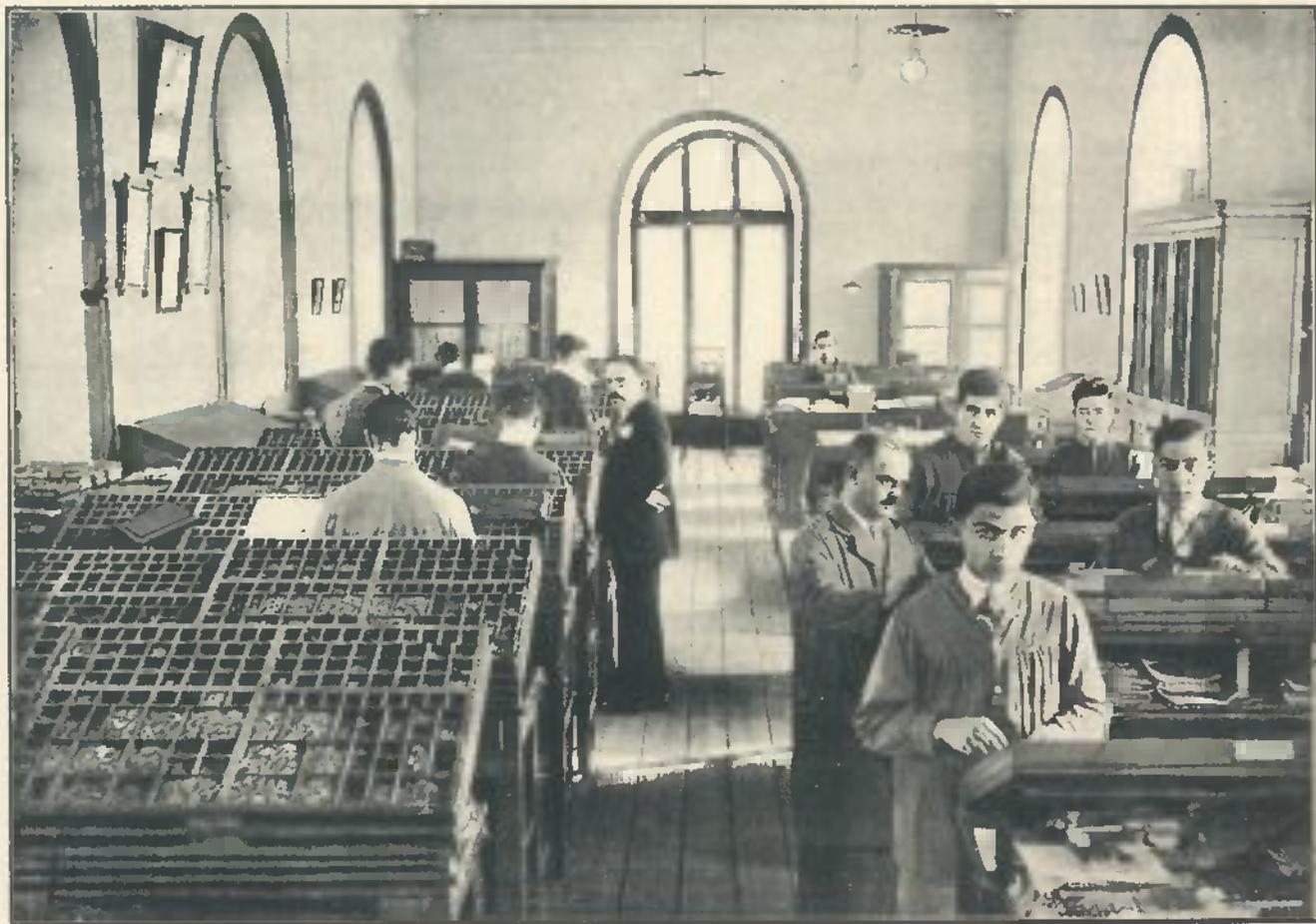
Das outras cidades que percorremos também visitámos algumas bibliotecas municipais. A de Bordeaux possui mais de 300:000 volumes, 300 incunábulos, incluindo o primeiro impresso naquela cidade, muitos manuscritos, salientando-se no número destes um de Montaigne. A sua frequência varia de 100 a 150 leitores por dia.

A biblioteca municipal de Lyon tem 500:000 volumes, 2:400 manuscritos, alguns ricos e preciosos de miniaturas. A frequência desta biblioteca varia de 200 a 300 leitores por dia. O sistema de iluminação da grande sala de leitura é muito interessante: quatro tubos que se prolongam paralelamente no teto da sala, formando um quadrado, dão uma luz velada a toda a sala.

A BIBLIOTECA DE PROVÍNCIA, EM
FRANÇA, MAIS RICA DE MANUSCRI-
TOS EM MINIATURAS . . .

A biblioteca mais interessante que visitámos foi, porém, a de Rouen, pequena e linda cidade a 140 quilómetros ao norte de Paris. Instalada no Novo Museu, para onde foi transferida do município em 1888, tem uma vasta sala de leitura, que comporta 120 lugares. Ao centro da sala, ocupando um grande espaço, está o catálogo alfabético, em fichas de cartão, presas por um orifício ao varão de ferro que atravessa as caixas que encerram o catálogo. É o próprio leitor quem procura no catálogo a obra que deseja ler. A toda a altura da sala, junto das estantes, prolongam-se pontes de ferro, que atravessam a casa em todas as direcções, dando-lhe um aspecto interessante e inédito.

O vestibulo da sala de entrada é decorado por dois belos quadros, de Paul Boudouin, representando a *História*



Outro aspecto da escola de aprendizes de composição da Imprensa Nacional de Lisboa



do Livro. O da direita representa uma sala com um grupo de copistas escrevendo os livros, tendo a presidi-la o chefe que vai ditando a matéria a escrever. O da esquerda representa uma tipografia com um prelo ao centro, estabelecendo-se o confronto, nestes quadros simbólicos, da antiga factura dos livros e da maravilhosa descoberta de Guttemberg, que revolucionou o mundo.

As colecções da biblioteca compreendem perto de 200:000 volumes ou brochuras, 4:500 manuscritos, 5:000 estampas e 4:000 medalhas ou moedas.

Ao fundo antigo, proveniente dos estabelecimentos civis e religiosos suprimidos pela Revolução, reüniram-se successivamente, por compra, em 1838, a preciosa colecção Leber (livros raros, encadernações valiosas, manuscritos, estampas); depois, por legado, em 1847, o fundo de Montbret (linguística, história, viagens); em 1859, o fundo Martainville (manuscritos); em 1864, a colecção Desbois (sciências ocultas); em 1872, o fundo Frondière (jurisprudência); em 1884, a colecção Girardin (sciências); em 1887, o fundo J. Diensy (obras normandas); em 1906, a colecção Hédon (livros e estampas); em 1909, a biblioteca J. Adeline (livros e estampas); em 1912, o fundo Raban (história da guerra de 1870 e da Comuna).

Os incunábulos e impressões do primeiro têtço do século xvi, dos quais alguns rarissimos, elevam-se a cêrca de 1:000.

O fundo musical é importante. Além da colecção reservada do Théâtre-des-Arts, possui a biblioteca de Rouen o fundo Bachelet (1879), os depósitos das sociedades Filarmonica e Boieldieu e o legado Sanson-Boieldieu (obras de Boieldieu). Nenhuma biblioteca da provincia em França possui uma melhor colecção de manuscritos em miniaturas, perto de 150, dos séculos x ao xvii. Os documentos genealógicos normandos abundam, em particular no fundo do Marquês de Martainville. MM. Duputel (1851), de Blossenville (1868) e Girardin (1884) dotaram a biblioteca com três importantes colecções de autógrafos.

A secção de estampas é notável. Compreende principalmente as peças históricas (acontecimentos, usos, costumes, cartas de jogar), do fundo Leber, retratos normandos, uma colecção de topografia normanda, *ex libris* (Hédon), uma colecção satirica e documental relativa à guerra de 1870 e à Comuna (legado Raban), etc.

A numismática é representada sobretudo por uma colecção de medalhas normandas; a colecção Lecarpentier legada em 1853 (moedas e medalhas), e o legado Raban (moedas e insignias). M. Todd ofereceu em 1918 uma colecção muito completa de condecorações do exército inglês.

Se as bibliotecas municipais interessam principalmente aos eruditos e sábios, pelas riquezas que encerram, a sua função de bibliotecas populares, pulverizando a instrução por todas as camadas sociais, é de incontestável necessidade pela vasta obra de divulgação de todos os conhecimentos humanos, que conduz a sociedade a um mais elevado grau de cultura e que lhe abre um rasgado caminho na senda da civilização.

Mas não é nas grandes bibliotecas que se pode aquilatar do progresso das artes do livro, numa vista de conjunto, em consequência de as obras modernas, que revelam um aprimorado gosto artístico, não estarem seleccionadas, mas dispersas nas várias secções. Na exposição de qualquer livreiro-editor colhem-se melhores elementos.

A Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa, que se deve esforçar por concorrer para o progresso das artes do livro, já conta uma preciosa colecção de ricas encadernações modernas, que têm constituído o encanto de muitos apreciadores de bons livros. E como é a biblioteca do primeiro estabelecimento gráfico do país, devendo catalogar e seleccionar todas as obras respeitantes à grafia, a sua organização já de princípio se encaminha para esse objectivo.

A selecção das obras respeitantes a determinados ramos de indústria e das artes só se pode encontrar nas bibliotecas profissionais especializadas.

tiers, de Diderot e d'Alembert, de 1777, que muito contribuiu para a demolição do velho mundo feudal.

Para melhor elucidação devemos dizer que a bibliografia gráfica se reporta á obras gerais sôbre a grafia, tais como revistas, boletins, relatórios e obras acêrca da descoberta, progressos e evolução da imprensa, e a bibliografia técnica gráfica versa o ensino técnico, manuais dos diversos ramos gráficos, etc. É uma biblioteca profissional com um excelente recheio de livros divulgadores de todos os conhecimentos técnicos da grafia. Tem um grande movimento, pois empresta anualmente alguns milhares de volumes aos sócios da Câmara Sindical Parisiense.

Em Bordeaux a Câmara Sindical Tipográfica tem igualmente uma excelente biblioteca profissional, com valiosos livros técnicos, mas deve considerar-se ainda em organização.

Como se vê, as bibliotecas profissionais técnicas são um complemento da educação profissional, onde os operários vão fortalecer e valorizar ainda mais os seus conhecimentos técnicos. São como a cúpula do grande edificio onde se ministra o ensino dos conhecimentos indispensáveis ao desenvolvimento e progresso das indústrias.

Estas bibliotecas devem gradualmente renovar as suas collecções especializadas, adquirindo as mais modernas obras, que revelam e ensinam os novos processos de trabalho, impostos por uma persistente e constante evolução em todas as manifestações da arte. E foi essa a missão que nos impusemos na digressão que realizámos ao estrangeiro.

A nossa bibliografia técnica, por muito empobrecida, precisa de ser acrescida principalmente de manuais profissionais, independente de revistas, boletins e outras publicações reveladoras dos mais artisticos trabalhos, que fortaleçam os conhecimentos e eduquem os sentidos dos nossos artistas.

Alguns bons livros já trouxemos, devendo salientar de entre êles *Le Mélange des encres*, que ensina o doseamento das tintas nas variadíssimas *nuances* de côres que se em-

pregam na indústria do livro. Entre nós era ainda desconhecido este método, pois os nossos artistas, quando casualmente achavam uma *nuance* na mistura das tintas, difficilmente a poderiam encontrar para uma reimpressão. Quanto tempo perdido na busca incerta dessa *nuance*! E o desconhecimento d'este método, que tornava moroso e dispendioso o trabalho, obrigava a grande emprêgo de capitais na aquisição das mais diversas variedades de tintas de côres, que, não sendo de immediato consumo, se deterioravam pela secagem.

Como desenvolvimento e complemento d'este método, adquirimos igualmente um livro intitulado *O que o impressor deve saber das tintas e da tiragem*, que elucida o artista no conhecimento das tintas e do papel.

¿A CRISE DA EDUCAÇÃO PROFIS-
SIONAL EM PORTUGAL TENDE A
SER RESOLVIDA? . . .

A Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa, que estabeleceu contacto com algumas casas editoras de obras espeziais gráficas, dentro de pouco tempo terá a sua já valiosa colecção de bibliografia gráfica acrescida dos mais modernos livros da especialidade, que, além de enriquecerem o seu arquivo, divulgarão profusamente valiosos ensinamentos por todos os artistas que ainda se interessam pela sua profissão.

Mas a sua função, restrita à divulgação das mais diversas obras espeziais gráficas, de modo algum poderá concorrer, de uma forma geral, para o levantamento das artes do livro em Portugal. Quando muito, poderá corrigir alguns defeitos de uma má educação profissional e despetar os sentidos dos nossos artistas.

A crise em Portugal é muito mais vasta, devendo salientar-se, como primórdial, a da educação profissional.

Salvo raríssimas excepções, o ensino profissional na indústria particular é um lôgro. A preocupação máxima da maioria dos industriais consiste apenas na aquisição de mão-de-obra mais barata, limitando-se ao ensino dos mais rudimentares e restritos conhecimentos, que levem os aprendizes a uma produção rápida e lucrativa. É quantos semi-analfabetos, a coberto do egoísmo industrial, invadem as profissões da indústria do livro preparando-lhe uma futura decadência! Essa crise atingiu, de certo modo, há alguns anos, a Imprensa Nacional de Lisboa, onde aliás se ministra o ensino profissional mais completo. Alguns concursos para a admissão de aprendizes ficaram desertos, por falta de concorrentes com as habilitações literárias suficientes, e esse facto consituiu um manifesto prejuizo, pois que o recrutamento dos candidatos se fez em condições de inferioridade. Já em 1925 e em 1926 a selecção pôde, felizmente, ser outra, e o sintoma, porque o é de facto, merece registrar-se.

É preciso que nos vamos habituando ao convencimento de que a decadência das indústrias só pode corrigir-se pela criação de quadros de operários especializados, que saibam ministrar um ensino completo. E êsses quadros nunca poderão formar-se por profissionais criados em tam precárias circunstâncias, como as que se evidenciam no nosso ensino profissional.

Só a formação dêsses quadros poderá concorrer para a criação de uma mão-de-obra valorizada.

Aos sindicatos gráficos e aos raros industriais que ainda se interessam pelos progressos da indústria que exploram compete enfrentar o assunto, estudando os meios mais eficientes para se evitar uma maior decadência nas indústrias da arte do livro.

PUBLICAÇÕES À VENDA

NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

- ASPECTOS DA TIPOGRAFIA EM PORTUGAL, por Norberto de Araújo e Artur Mendes. — 250.
- DIAGNOSE TIPOGRÁFICA dos caracteres gregos, hebraicos e arábicos, com algumas notas sobre a divisão ortográfica da língua latina, e outras da Europa, e alguns preceitos da arte tipográfica, por C. José de Oliveira. — 2000.
- DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA TIPOGRAFIA PORTUGUESA NOS SÉCULOS XVI e XVII. Parte I e II. — 10000.
- DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA TIPOGRAFIA PORTUGUESA NOS SÉCULOS XVI e XVII, publicados por Venâncio Deslandes. Edição em papel de linho, correcta. — 10000.
- EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA DO LIVRO E DAS ARTES GRÁFICAS DE LEIPZIG, esboço crítico e descritivo, por José Gregório Fernandes, antigo inspector das oficinas da Imprensa Nacional de Lisboa. Com gravuras. — 2050.
- EXPOSIÇÃO NACIONAL DAS ARTES GRÁFICAS, inaugurada em Lisboa no edifício da Imprensa Nacional em 2 de Outubro de 1913. Catálogo geral. — 1000.
- GUTTENBERG, monólogo em verso, por J. S. Mendes Leal. — 10000.
- IMPRENSA (A) na Exposição Universal de Viena de Áustria, grupo XII. — 1000.
- IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA (A), apontamentos e subsídios para a sua história, por José Vitorino Ribeiro. — 30000.
- IMPRIMERIE (L'). Dialogue extrait de la première et la seconde partie des *Dialogues François pour les jeunes enfants*. A Anvers, de l'Imprimerie de C. Plantin, 1567. — 1000.
- PREGMÁTICA SOBRE LA IMPRESSION Y LIBROS. Reprodução de 1558. — 20000.
- PRINCÍPIOS DA ARTE DE GRAVURA, traduzidos do *Grande livro dos pintores*, de Gerardo Laresse. — 30000.
- RELATÓRIO SOBRE PROCESSOS MODERNOS DE TRABALHO TIPOGRÁFICO, por Alfredo de Carvalho. — 5000.
- SOBRE A SUCURSAL NO PORTO DA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA, por Luís Derouet. — 1000.
- TRATADO DA GRAVURA a água forte e a buril, e em madeira negra, com o modo de construir as prensas modernas e de imprimir a talho doce, por Abraham Bosse, traduzido do francês por José Joaquim Viegas Meneses. Com 22 estampas. — 20000.

PREÇO 6\$00
